

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS



1938

J. MENDES RIBEIRO J.^{OR}

GUIMARÃIS Rua de Santo António, 88-A **Telefone, 81**

Representações, Comissões e Consignações

Matérias primas, anilinas e produtos químicos

MÁQUINAS

de Fiação, Tecelagem, Acabamentos e Tinturaria.

FERRAMENTAS e ACESSÓRIOS

para todas as Indústrias.

Motores, Locomóveis e Caldeiras a Vapor

Instalações completas de aquecimento, ventilação e humedificação (Agente da melhor patente mundial)

Carvão de todos os tipos - Pneus - Máquinas de escrever - Seguros contra todos os riscos

..... Agente da "LUMIAR"-a lâmpada portuguesa.

Fábrica
de
Tecidos
da
Cruz
de
Pedra,
L.^{da}

■ ■ ■
TELEFONE, 190
■ ■ ■

GUIMARÃIS

FÁBRICA DE ROLDES

CANEIROS -- GUIMARÃIS

Telef. 99

Especialidade
em
Pelarias finas

Fábrica Manual de Calçado

JOSÉ ANDRÉ & C.^A

TELEFONE, 168

GUIMARÃIS



FÁBRICA DE FIAÇÃO E TECIDOS

DO

ARQUINHO

DE

António J. P. de Lima

FUNDADA EM 1913

GUIMARÃIS

TELEFONE 12

Fábrica de Pentes do Ribeirinho

Fornecedora dos principais Armazéns Exportadores.

CASA FUNDADA EM 1908

TELEFONE, 128

—
PENTES - TRAVESSAS
GANCHOS - CALÇADEIRAS
AGULHAS PARA LÃ
—

GUIMARÃIS

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 56 A—1.º e 2.º Andares—Tel. 34.

Composição e Impressão: Tipografia Minerva Vimaranesa—Rua de Santo António, 133.

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Boas-Festas

deseja o

"Noticias de Guimarães"

a todos os seus Amigos, aos
Ilustres Colaboradores, pre-
zados Colegas, Anunciantes,
Leitores, fazendo votos pelas
maiores prosperidades no no-
vo ano.

NATAL

Volta a iluminar a face da terra a estrela
encantadora do Presépio.

Repicam os sinos, alegremente, para a
Missa do Galo e o sorriso radioso e encan-
tador do Menino, dezenha-se nos seus lábios
pequenos, numa promessa de felicidade e
de esperança.

Lá no alto há um deslumbramento de cla-
ridade infinita e majestosa que desce suave-
mente sobre a Terra. E no silêncio da noite
vêm até nós cânticos dulcíssimos e angélicos
que ligam a dignidade humana ao destino
imortal, porque sempre renovado, da Vida
que nasce nas palhas humildes de um hu-
milde estábulo de Belém.

Repicam os sinos a dar notas alegres na
noite frigidíssima do Natal. Cai a neve de
mansinho como pétalas de flores maravilho-
sas desabrochadas em honra do resgate que
se comemora. E a paz paira acima da vida,
liberta da escravidão original, erguida, em
apoteose magnificante, no momento em que
Deus se reveste da nossa carne e a face da
terra é beijada e purificada pelos Amigos
que celebram a Glória nas alturas, numa
promessa de Paz aos homens de boa von-
tade.

Por vezes, é certo, a tristeza revela-se e
as tábuas do Presépio numa cruz gigantesca
que parece tocar os polos, e a terra é revol-
vida numa ameaça pavorosa transforman-
do-se num novo calvário da humanidade.

Mas as névens desfazem-se e a terra volta
a ser acariciada por um clarão de esperança
que é nova vida a renovar e a reconfortar a
Humanidade.

Então erguem-se cânticos de fé e soam,
de quebrada em quebrada, os sinos, corações
das almas, a anunciar a alegria de viver,
tocados pela perda da virtude da inocência
que renasce do sorriso angélico e inocente
do Menino.

E' assim o Natal! Noite de alegria, da
Família, de encantamento e de suavidade.

Boas Festas! Boas Festas!

NATAL

MISTÉRIO DA SANTÍSSIMA TRINDADE:

— DOR.

— PIEDADE.

— LUZ!

EM CERTAS HORAS ALTAS, DECISIVAS,
CHEIO DE FEBRE, ATENTO E DEBRUÇADO
SÔBRE A VIDA,

NO QUARTO DE EXPERIÊNCIAS DA MINH'ALMA,
VOU DESCOBRIR, CONTRICTO E DESLUMBRADO,
QUE O MEU MUNDO INTERIOR

INFINITAMENTE SE DILATA E REDUZ

A ESTA PALAVRA LUMINOSA E CLARA:

— AMOR.

DEZEMBRO - 1938.

AMÉRICO DURÃO.

Festa do Natal

O senhor Director do «No-
ticias de Guimarães» re-
solveu que o seu Jornal come-
morasse o Natal de 1938 com
um número especial, à seme-
lhança do que tem feito em
anos anteriores. Acho bem
que o «Noticias» continue a
dar o devido realce à tradi-
cional Festa do Natal, aquela
em que mais predomina o culto
da reunião familiar, motivo
por que é chamada a Festa da
Família e que em Portugal—
sobretudo cá no Norte—man-
tém as características domi-
nantes do passado. E' a Festa
de todos, até a dos lares mais
pobres, donde saem névens
de fumo que em pleno ar se
confundem com outras seme-
lhantes, que se escapam pelas
aberturas das grandes chami-
nés dos solares. E' na humil-
de choupana ou no rico palá-
cio que os entes mais queridos
sentem horas da mais alegre
convivência, a não ser quando
se nota a falta—especialmente
de fresca data—de uma ou
de mais pessoas de família.
Nesse caso, as galas da Festa
aparecem transformadas em
crepes e a alegria do lar é
substituída pela amargura e
pela tristeza da dor que nesse
momento dilacera o coração e
faz aumentar o sentimento da
saúde! Feliz, pois, de quem
passa um Natal com aquela
mesma satisfação que sentem
os inocentes pequeninos ao
julgarem-se contemplados com
tantos brinquedos que de ma-
nhã encontram nos sapatinhos
e que, em seu entender, foi o
Menino Jesus quem ali os foi
colocar, assim como as deli-
ciasas amêndoas, os aprecia-
dos confeitos, os saborosos
bom-bons, etc.

E enquanto isto se passa
com as criancinhas, os adultos
continuam a manter as praxes
antigas de modo a não falta-
rem no programa da Festa as
tradicionalis rabanadas, os po-
pulares formigos e a insepará-
vel aletria, que constituem a
sobremesa predilecta de quem
apreciou o fiel amigo e res-

Guimarães, Natal de 1938.

M. S. M.

Farpas

Sonho do Natal

Os olhos do Manel estavam
deslumbrados. Nunca
tinham visto cena tão rica, tão
cheia de beleza e de encanta-
mento.

A noite fêz-se mais clara e
no céu uma estrela grandiosa
rasgava as trevas da noite num
milagre de luz que entontecia.

Chegavam até êle cânticos
estranhos, que nunca ouvira,
e via, deitado numas palhinhas
humildes, um menino que lhe
abria os braços e se sorria
como que a dizer-lhe que se
aproximasse mais, que fosse
também para junto dêle.

Mas o Manuel parecia pre-
gado ao chão. Olhava extático
para tudo. Via uma Senhora
encantadora no seu manto azul
recamado de estrelas que cin-
tilavam como diamantes, e a
seu lado um simpático velhi-
nho, de barbas brancas, todo
êle cheio de humildade e de
doçura, que o encantavam.

E aquêlê bezerrinho e aquêlê
jumentinho, que graça que ti-
nham e que lindos que eram!
Ah! os toiros do tio Zé da
Quintã, os mais falados da-
quelas redondezas, não eram
nada à beira daquêlê. E então
o jumentinho! Onde é que êle
tinha visto coisa igual, coisa
que se lhe pudesse comparar!
E que meiguice de olhar!

E o Manel sentia-se atraído
por tudo aquilo e sorria-se,
sorria-se de contentamento,
possuído de um bem estar que
nunca experimentara e que lhe
fazia esquecer tudo, como se
nada mais houvesse que lhe
pudesse interessar. Os seus
olhares concentravam-se na-
quêlê cenário de grandeza e
de maravilha nunca vistas e as
suas mãos erguiam-se num lou-
var sentido aquêlê menino que
lhe sorria sempre, de braços
abertos, como que a querer
apertá-lo ao coração.

Oh Manel! Oh Manel! dizia-
lhe a mãe. Não vês que já são
horas de te levantar! E o Manel
abri os olhos e sorriu-se, ainda
deslumbrado por aquêlê sonho
de beleza sem igual.

São João das Caldas,
Natal de 1938.

X. X.

Era uma vez um Menino...

Era uma vez um menino,
como o Menino-Jesus.
Não sei que imenso destino
no seu destino eu supuz!

Tinha um sorriso divino,
tinha uma auréola de luz.
Era uma vez um Menino,
como o Menino-Jesus.

Numa maré de má-sorte,
vi-o nos braços da morte,
como um cordeiro na cruz...

Tão doce e tão pequenino.
A história desse Menino
a isto só se reduz!

ANTÓNIO SARDINHA.

No mundo há só duas deci-
sões a tomar: cumprir o seu
dever ou faltar a êle. Para pas-
sar entre os dois não há ca-
minho algum.

M.ª Ozioi.

O Anel

PARA A B.

Estávamos no Natal
quando te dei
êsse anel.

Um anel é casamento,
e, por meu mal,
eu bem julguei
nesse momento

que a nossa lua de mel
não demorasse assim tanto.

Mas há quanto tempo, há quanto!
Nem eu sei!

Como vai longe êsse dia,
— ai quantos vão! —
que, bem cheio de alegria,
no teu dedo coloquei
o anel que um dia te dei
ao beijar a tua mão.

Era o teu aniversário.

Esse anel que tens,
que um carinho extraordinário
faz trazer sempre contigo,
foram os meus parabéns,
saudações de um peito amigo.

Natal de 1938.

S.A.N.

Os braços da cruz redento-
ra estão sempre abertos para
os desgraçados.

Victor Hugo.

Mais um Natal

Mais um Natal — o de 1938!
Mais uma festa, portanto,
cuja tradição se mantém desde
longos anos e que entre o nos-
so povo continua a ser a gran-
de festa do ano. Felizes se
podem considerar tôdas aque-
las pessoas que possam passar
esta festa sem lágrimas, por
que significa êsse facto que no
espírito das mesmas há paz e
alegria, o contrário do que
acontece a muitíssimas outras,
sobretudo agora, que o
Mundo se apresenta como um
implacável vulcão, em perma-
nente actividade, tendendo a
arrastar para o infortúnio do
abismo a alegria, a felicidade
e a paz! A evolução mundial
em matéria de intranquilidade
tem sido superior aquilo que
os mais péssimistas profetiza-
vam.

E' dentro desse pensamento
que eu digo que se podem
considerar felizes as pessoas
que passem em paz e alegria
as festas do Natal dêste ano.
Entre nós, que o Natal não
passa despercebido, não há,
felizmente, a registar aconte-
cimentos que actualmente es-
tão a enlutar países inteiros,
razão por que, por êsse lado,
não deixarão de haver festas
felizes. São estas que eu dese-
jo aos amigos, ao Snr. Direc-
tor do «Noticias» e a tôdas as
pessoas que o ajudam a con-
duzir a pesada Cruz do Re-
gionalismo ao Calvário do de-
ver cumprido!...

Zé da Aldeia.

«TRUZ! TRUZ!»

Sempre que chega o Natal,
Pelos mais rudes caminhos,
Anda Jesus a bater
A's portas dos pobrezinhos!
"Há pão que chegue? Não há?
Ele aí vai! Tomai lá!
Fome aqui, não há-de haver!",
Então crianças e velhos
Põem-se todos de joelhos,
Para Deus melhor os ver!

Se não crêdes no que eu digo,
Escutai! Vinde comigo,
E haveis, então, já de crer...
Ponde os ouvidos atentos,
E dentro em breves momentos,
Por esses rudes caminhos
Logo ouvireis: "truz! truz! truz!"
E' que lá anda Jesus
A's portas dos pobrezinhos,
Muito de manso, a bater...

Louvado seja o Senhor!
Que assim tanto se consome,
Repartindo o Pão do Amor
Por aqueles que têm fome!

Quinta de Vila-Verde,
Natal de 1938.

Jerónimo de Almeida.

Com os meus botões... de lágrimas

O silêncio é de ouro — diz-se.
E o Silêncio é simplesmente Silêncio.

Metalizar o Silêncio é materializar o Sentimento, materializando a alma humana.

O ouro retine, gargalhando, em mãos de agiota. O ouro é açoite, o ouro é perfídia.

O Silêncio é muda Bíblia dos céus, mudo Evangelho de humano martírio: —almas agrihoadas pela dor, corações alanceados pela ausência, lábios tragando fel, lágrimas nostálgicas em rostos de proscritos, tortura de cativos, cruz de calvário aos ombros suportada...

O silêncio é de ouro — diz-se. E todo o ouro da Terra não vale a grandeza, a sobrehumanidade do Silêncio. Sofre-se! E o Silêncio é muda Bíblia dos céus, mudo Evangelho de humano martírio...

Véspera de Natal. Os pobres são menos pobres neste dia. Há mais lume, mais calor, nos lares húmidos e tristes. Come-se melhor, bebe-se, — e, no fim, reza-se. Almas ausentes, almas presentes...

Inditosa mulher! — desde manhã, à porta do casebre, negro casebre onde por esmola vive. No seu olhar, ennevoadado olhar, lê-se, adivinha-se: — espera... espera...

Coitada! fora sempre pobre — pobre até no casamento que fizera com um inápto jornalista mal ganhando para a côdea de brã e para o magro caldo... Fora sempre pobre... E o Tempo — singular jogador de destinos — para ali a deixará, desde muito, assim, mais pobre e mais sôzinha: — o filho que, precedendo o pai, se fôra para distantes terras em busca de mais pão, já-mais voltára, deixando de escrever... O homem, o seu infeliz espôso — sabe-se — por lá morrerá, aniquilado na luta...

Inditosa mulher! No seu olhar, ennevoadado olhar, lê-se, adivinha-se: — espera... espera... O seu Natal é ainda, e somente, aquele filho, aquele único filho — derradeira esperança, alanceante esperança a prendê-la à vida...

De longe, e de perto, em rememorante sinfonia de Amor e Paz, chegaram até nós sons de campanários...

Dezembro-1938.

Alberto de Macedo.

O Natal, a Festa grande, estava à porta e o Inverno vinha sendo longo, inclemente. Há muitas semanas o Sol não se mostrava, multiplicando-se as privações em casa de *Ti-Jaquim* — um dos muitos componentes da heróica e sacrificada família dos pescadores. Na ante-véspera da Festa, porém, um fim de tarde, leve e amainante, alegrara e esperançara a gente do mar — a gente que do mar vive: — Se o Senhor quisesse, ainda se arranjava para a consoada!...

Nessa esperança, e ainda ante-manhã do dia imediato, com estrêlas no firmamento, *Ti-Jaquim* e seus filhos já holmaram, num pequeno barco, sulcaram o vasto leito do mar, lançando ao largo, muito ao largo, suas redes. Já então, no céu límpido, o Sol triunfante brilhava em fosforescências, que se espelhavam no Oceano prateado e sereno.

A dita parecia querer sorrir aqueles homens, tão necessitados de pão como ricos de infortúnio. E as suas almas, rudes e simples, alegravam-se: A consoada... a família... o lume no lar...

Supremo anseio, aspiração sincera...

la o dia em mais de meio e no horizonte principiaram de aparecer núvens prenunciadoras de borrasca. O mar agitava-se brandamente.

Breve, porém, os sintomas da tormenta acumularam-se e a inquietação invadiu *Ti-Jaquim* e os seus.

Em terra, nos que ficaram, a angústia e o receio não se escondiam já:

— Aqueles homens no mar e a tempestade aproxima-se. Bem nos quisera parecer... Deus se apiede de nós! S. José bendito! Nossa Senhora da Guia os proteja e os traga livres de perigos! — Exclamava-se em tom de súplica.

Vinha caindo a tarde. A procela estalara. — E que procela, Santo Deus!

Das núvens acasteladas e cor-de-chumbo caíam grossas cordas de água. O vento soprava rijo, sibilando sinistramente. Trovões fortes semeavam o terror, precedidos de sucessivos relâmpagos que iluminavam o oceano em revolta, bramindo furiosamente.

Ao longe, lá muito ao largo, de vez em quando divisava-se, perdendo-se na bruma, em

dansa estranha, o pequeno barco que se fazia a terra.

Titânico e desesperado esforço. Na humana ânsia de se salvarem, aqueles homens, a quem a negra vida empurrava para a morte, fazendo das fraquezas forças, procuravam vencer os elementos em fúria.

Mas o mar — o mar que tantas vezes lhes matara a fome, consentindo que lhe devassassem as entranhas — queria-os para si, apeteceu-os nessa véspera de Festa. E, num golpe rápido, sôfrego, quando a esperança animava ainda aquelas almas, engulira-as para sempre, para não mais voltarem.

Era a sua consoada — a sua triste e trágica consoada!

Naquela noite — noite de Festa em tantos lares e de alegria em tantas almas — no desgraçado tugúrio de *Ti-Jaquim* verteram-se lágrimas de amargurado pranto, argamasadas em cruciante dor.

Natal!
Festa da Alegria e da Tristeza, da Ventura e do Infortúnio!

Dezembro-1938.

J. Gualberto de Freitas.

O Cristo — oh! sim, os homens podem fazer e dizer, ficará sempre o único. Assim que a sua cruz aparece, assim que seu nome é pronunciado, tudo se acalma e muda, os rancores desaparecem e presentem-se renúncias que purificam! Deante do mais singelo cruzifixo de madeira, os corações altivos e duros recordam-se, humilham-se e concebem a piedade. E' o evocador dos incomparáveis sonhos e o mágico dos eternos deveres. E' o senhor dos consolos inesperados e o príncipe dos perdões infinitos. Procurai-o, vós também; experimentai, pois que fora d'Ele não há mais nada.

P. Loti.

O seu primeiro Natal

DIA de Dezembro, agreste e frio.

Nas cumeadas dos montes brilhavam os últimos reflexos solares. As aves com seus doces gorgeios despediam-se do astro-rei e procuravam os seus abrigos. No firmamento surgiam as primeiras estrêlas. Ouvia-se a quem e além o tintilar das campainhas dos gados que recolhiam aos currais. De todas as casas, desde o mais humilde tugúrio ao mais majestoso edifício, evolavam-se grossas núvens de denso fumo, denunciadoras da actividade que lá ia dentro. O sino da freguesia, do alto do seu gracioso campanário, badalando festivamente, anunciava a festa, o grande dia de Natal.

Caía a noite, serena, gelada e mansa. Era profundo o silêncio na aldeia, alterado apenas pelo latir dos cães de guarda que anunciavam os retardatários e pelo murmúrio das cristalinas águas que inundavam os campos vicejantes.

Já em volta da espaçosa lareira, onde crepitava acalentador fôgo e se davam as últimas voltas para a succulenta ceia, toda a família se reunia, instalada confortavelmente em cómodos pregueiros.

Em comprida mesa que uma toalha alvíssima cobria começavam a dispôr-se as variadas iguarias, e cada guloseima que se apresentava servia de pretexto para novas manifestações de efusiva e comunicativa alegria que a todos animava.

Principiava a servir-se a refeição, quando o encorpado cão, fiel guarda da casa, fez sentir com os seus latidos a aproximação de gente. Bateram à porta. E' alguém

que em voz dolente pede um recanto do palheiro para pernoitar.

— Entre quem é; ordena o dono da casa, que a ceia chega para mais um.

No limiar da casa surge então um homem pobremente vestido, de rosto macilento e abatido, denunciando fadiga intensa e grande miséria fisiológica. O seu aspecto acabrunhado, o tremor do frio que o agitava tornaram-no um velho precoce. Como bagagem transportava um pequeno saco feito de tiras de vários panos, onde pouca coisa tinha lugar.

Ao vê-lo assim alquebrado toda a família se sente compungida e apressa-se a ministrar a sua aflicção, alojando-o nos bancos da lareira, para que imediatamente recebesse o calor de que tanto carecia. Momentos passados, já quando o seu organismo se sentia reanimado, é servida a ceia, na qual a inesperada visita é intimada a tomar parte.

E o entusiasmo familiar, o gaudío geral que por instantes parecera apagar-se, voltam com mais ardor, inflamados pela bondosa caridade praticada.

O recém-vindo, a quem a comoção embargava a voz, a a custo esboça o seu agradecimento e renova o seu pedido de dormida.

A família, porém, quer que ele continue a participar do seu contentamento e determina a sua permanência.

Enquanto os novos se preparam para o tradicional jogo dos pinhões, quis o chefe da casa que o seu hóspede lhe dissesse alguma coisa da sua vida.

— Sou, diz o homenzinho, um pobre trabalhador, e mostra as suas mãos calejadas. Levo a minha vida a procurar, desce criança, o pão para comer, em troca dos meus serviços. Hoje aqui, amanhã além, sujeitando-me a tudo, passo dias e dias sem saber como alimentar-me. Agora mesmo me encaminhava eu para a freguesia além da serra, em busca de algum trabalho que me desse um pouco de pão. Fui colhido pelo frio e pela noite e bati à porta desta santa casa, confiado que encontrava pouxada, para amanhã seguir o meu caminho.

— E a sua família? — Não tem parentes com quem fosse passar a noite da consoada? — Não, meu senhor. Sou só no mundo. Não conheci pai nem mãe, nem parentes. Conheci-me sempre um abandonado da sorte, andando de casa em casa, passando fome e recebendo muitas vezes maus tratos, como se fôra um cão importuno.

— Consoada! Natal! Sabia nisso que esta festa se fazia, mas não era para mim.

Por essas terras de Cristo que tenho palmilhado a oferecer o meu trabalho, era sempre dispensado nesta ocasião, como agora mesmo me aconteceu.

A noite de alegria e contentamento nunca existiu para mim, que passei muitas vezes sob os telheiros, sem ceia e sem que a minha presença fosse conhecida dos moradores da casa.

Só hoje, pela primeira vez na minha vida, assisti a uma ceia de Natal e soube como ela é alegre e feliz.

E endireitando as mãos, exclama: Bendita seja esta santa casa e Nosso Senhor abençoe para sempre e conserve a felicidade de toda a bondosa família.

Pelas faces rugosas deslizavam duas grossas lágrimas reveladoras da profunda gratidão da sua alma.

A. F.

CASA EM COVAS

Arrenda-se a Vila Adélia, junto à estrada.
Informa o snr. Casimiro Martins Fernandes, no Toural.

Soneto do Natal

Ricos: não levanteis as sobras das toalhas
E saciai a fome aos pobrezinhos nus,
Que de entre êles irá beijar-vos as migalhas
O Pobrezinho Eterno, a bôca de Jesus.

Pobrezinho nasceu em cima dumas palhas,
Pobrezinho morreu nos braços duma cruz,
Deixou o Sumo Bem às réprobas gentilhas,
A Vida encheu de Amor, o mundo encheu de Luz.

Em nome d'Esse Pobre Eterno, — e Poderoso
No Verbo da Bondade! — em nome d'Êle,
Que não falte à pobreza a Ceia do Natal.

Ricos: do vosso Pão tam alvo e tam gostoso
Saciai a miséria — o coma todo aquele
Que seja pobrezinho em nosso Portugal.

Dezembro de 1938.

Delfim de Guimarães.

Em véspera de Natal

(ESBOÇO PARA UMA NOVELA)

PENSATIVO, o cavador abançava ao pé do rude lar antigo, e dera-se em fitar o lume de torga e pinhas bravas que, nas lájeas gastas e denegridas, tagarelava alegremente, beijando o pote de barro onde, em amena fervura, se preparava a ceia confortante do Natal dos simples.

Não tardaria muito em que, sobre a alva toalha de linho, preenchendo na mesa os tristes lugares há longo tempo desocupados, viesse pairar, adejante, a asa diáfana da saúde, fazendo levantar no seu espírito a poeira leve das suas mais íntimas recordações.

De todos aqueles a quem muito amara, de todos aqueles por quem seu coração repartira os anseios da sua enternecida amizade, — apenas lhe restava uma figurinha delgada e branca, uma cabeça côr de neve aureolando um rosto bondoso e sulcado de rugas, por onde, as vezes, brilhantes fios de lágrimas rolavam, suavemente, como regatos de água puríssima que, por entre várzeas floridas, espalhassem as bênçãos do seu fraternal amor.

Os filhos — uns, repousavam a sombra esguia e piedosa dos ciprestes, na paz bem-aventurada do eternal adormecimento; outros, chamara-os a si o destino cruel e amarguroso, que nunca mais os voltara a restituir ao abrigo e protecção da velha cabana acolhedora, onde certamente haveria, ao menos naquela noite festiva e evocadora de tão castas lembranças, uns braços compassivamente abertos, prontos para receberem e para lançarem a absolvição.

No outro ano, ainda uma afilhada, azougada e prazenteira, o surpreendera com a sua inesperada visita, e o consolar dos velhos fôra amenizado pelas ingénuas alvoradas do seu riso mûço e jovial.

Naquele dia, porém, o camponês parecia achar-se mais pesaroso e sôzinho, mais sombrio e desalentado, apesar de a seu lado êle sentir palpitante, docemente, em terno recolhimento, o carinhoso afecto, a abnegada dedicação, que fizeram desabrochar em flor os duros espinhos que, por vezes, marginará a via dolorosa da sua existência obscura e dignificante...

A velhota colocara sobre a fogueira crepitante alguns ramos secos, que as chamas recebiam num riso aberto em gargalhadas de azul e ouro — gargalhadas que fizeram estremecer as sombras dispersas pela cabana

e ficaram a brincar, lucilantes, nos olhos tristes do cavador. Pequenas abelhas de fogo trepavam, lestantemente, do mago brasido faulhante, doidejavam abraçadas na luz doirada, e logo desapareciam nos instantâneos revêrberos do lume aurifulgente: e elas eram irmãs, pela semelhança, de muitas ilusões que se haviam acendido no firmamento das suas mais doces esperanças, para brilharem por momentos e logo se obscurecerem, e apagarem, ao gélido sôpro das realidades agrestes e imperdoáveis.

Lá fora, na cangôsta silenciosa e nevada, a noite cerrara-se inteiramente, sob um céu pesado de negrume, onde não se divisava o luzeiro prateado de uma estrêla, em seu pálido e brandito tremeluzir: mas o camponês ouvira um ligeiro rumor de passadas cautelosas, batendo levemente nos pedregulhos do caminho, e o palrar, já muito próximo, de vozes tão suas conhecidas, em discreta e afável conversação; e, quando breves pancadas soaram na porta da sua rude morada de aldeão, foi como se um fulgido luar estival repentinamente tivesse rasgado as trevas avassalantes, e entrasse, como um doce cántico de graça, em aleluias de inefável esperança, no santuário de humildade daquele aconchegado ninho de amor.

O camponês fitou, sorridente, a velha companheira, em cujo olhar parecia arder, muito novo e lindo, um radioso sol primaveril, e achegando-se mais para a lareira, estendeu as mãos calosas e enregeladas sobre o manso lume acalentador: e o lume, sorrindo, beijou-a humildemente, em ternura e devoção, como se sobre êle estivessem abertas duas enormes asas de água que, em fraterno amplexo, tentassem cingir, amorosamente, a humanidade inteira!...

Salvador Dantas.

Mataduras

Jesus veio ao mundo.

Quere que imitemos
seu amor profundo.

Estendendo as mãos,
dix que nos amemos
como bons irmãos.

Mas tudo passou
— foi tempo, Senhor! —
o mundo inventou
o ódio, o rancor.

MARY COTTA.

Carinhoso Guimarães é de
ver de todos os seus filhos.

A PRECE

PARA se considerar um vencido da vida — só lhe faltava pôr termo àquela existência amargurada que vinha arastando, há anos.

O Destino voltava-lhe as costas, lançando-o no infortúnio. A opulência em que tinha vivido, surgiu a fome a torturar-lhe o estomago que, durante dias e dias, não sentia o afago dum alimento.

Ao alegre convívio da família, às carícias dos filhos, à ternura da esposa, deparou-se-lhe a solidão do casebre em que vivia, num dos arredores da cidade, — sem o conforto do palácio que habitara, e onde nada faltava à gulodice de qualquer capricho que, porventura, apeteçesse a si ou aos seus.

Nada tinha. O caminho que, outrora, percorria num automóvel de grande luxo, quando passeava com a esposa, com os amigos, quando frequentava as *sotões* elegantes da sociedade, ou pontificava na assinatura da Ópera, — calculava-o, agora, a pé, andrajosamente vestido, mendigando uma esmola com que pudesse atenuar a fome que lhe comprimia o estomago.

Os sorrisos que, outrora, distribuíra pelas pessoas conhecidas, com quem se encontrava, na rua, no *Palace*, em qualquer parte onde era conhecido, — deram lugar à lamúria degradante dum pedinte, chorando a sua miséria, implorando pão.

Chegou a ser um herói, — um herói financeiro. Socorreu empresas em véspera de derrocada. Amparou capitalistas arruinados. Auxiliou firmas importantes, quasi na falência.

Ganhou fortunas sobre fortunas, que engrossavam o seu poder e faziam rutilar o seu nome, como a magnificência dum reclame luminoso. Correu todas as partes do mundo onde tinha interesses ligados. Atingiu o zenite financeiro da glória.

Era quasi immortal — o seu nome.

Um dia, — tudo ruiu. Hoje, — é um vagabundo. É um miserável. É um farrapo com vida, que anda à mercê do Destino pelas ruas da cidade, esmolando, como muitos.

Uma reviravolta inesperada destruiu o seu nome, a sua honra, a sua família. Não passa dum pedinte. Ninguém o conhece.

E lembrar-se êle, que o seu nome chegou a ser pronunciado com temor, religiosamente, como se alguém receasse profaná-lo.

Tudo perpassou vertiginosamente, no seu cérebro gasto, como uma visão fantástica. E teve medo.

— Medo? Mas, medo, de quê? monologava êle, intimamente, enquanto se dirigia para o seu casebre. Hoje, de que posso eu ter medo? A vida...

... — Ajude-me, com uma pequena esmola!... — atalhou êle, dirigindo-se a uma elegante senhora que saía dum estabelecimento *chic* da baixa.

Uma negativa seguida de palavras de conforto, fôram a resposta à sua humana súplica.

E, continuou: — Sempre a mesma e eterna compaixão! Mas, — poderei eu dominar a fome que me esmaga, com essas palavras que toda a gente martela aos meus ouvidos, como um disco.

O Deus misericordioso, — tem piedade de mim!

Já fui suficientemente punido, — tenho sofrido a dureza do castigo que lançaste sobre o meu futuro. Abre-me, agora, os braços, conforta-me com um pouco de bem-estar, que venha tornar menos penoso o sofrimento que antevejo, para os poucos anos de vida que posso ter.

Perdoa o êrro que cometi — quando num momento de alucinação lancei por terra o meu nome, a minha família, a minha fortuna...

Sê justo, sê humano, — mas não tortures, ainda mais, a minha alma despedaçada!

Um encontrão lançou-o à realidade. O movimento aumentava. Aproximava-se a hora da consoada, e todos queriam recolher a casa, depressa, com as últimas compras para celebrar a festa divina do nascimento de Cristo.

E o homem, — o vagabundo, — foi andando, lentamente, empurrado por um, injuriado por outro, — como um farrapo que o vento gelado que soprava fizesse mover no seu torvelinho desordenado.

Até que, — parou. Tinham desaparecido as luzes da cidade, e ainda estava longe do seu tugúrio. Olhou a saca que trazia, consigo. Nem um bocadinho de pão, — nem uma migalha, sequer.

O frio enregelava a carne e as almas, — e a escuridão tornava horrroso aquele cenário triste.

De pé, enfrentando o vento, impermeável à geada, insensível ao frio, êle visionou a alegria, a doçura, o encantamento da Festa da Família.

E duas lágrimas saudosas, ex-humanas, brotaram-lhe dos olhos, embaciados e tristes...

No dia seguinte o sol, ao despontar, iluminou o corpo hirtto dum vagabundo, sobre a neve, com as mãos crispadas, numa atitude de quem pretendia agarrar. — quem sabe? — um bocadinho de pão que, na sua loucura, tivesse visionado por entre a escuridão da noite anterior.

Deus ouviu-o, — e compadeceu-se dêle. Escutou a sua prece, — e deu-lhe o lenitivo que, tão ansiosamente lhe mendigara, — enviando-lhe a morte para pôr termo à vida de sofrimento que o estigmatizava...

Ruy de Lucena

A Religião Cristã...

A que nível conseguiu levar a Religião Cristã a Humanidade!

Os primores morais que se não atingido, devêmo-los à influência admirável das Máximas Cristãs.

Os grandes faustos da Civilização são influência das Máximas Cristãs.

O Amor na sua fase mais sentida, verdadeiramente sublime, é o reflexo da Doutrina Cristã.

Em tudo, o que há de bom sobre a Terra e que eleva os Homens, e os desvia da animalidade para a mais Alta Espiritualidade, se vê o influxo da doutrinação Cristã, que tornou o Homem sensível às dores e o fez despertar para uma Vida, em que a Alma e o Amor ocupam principal lugar.

A Religião Cristã aproxima os Homens, identifica-os melhor nas suas Nobres Aspirações; minoram-se sofrimentos e protegem-se na adversidade.

Sempre que as Sociedades se afervoram em Crenças, e mais sentindo profundamente a crença em Jesus, e o coração se deixa guiar pelas suas doutrinas, — é certo que atravessando às vezes assustadoras e perigosas crises, desde logo começam de sentir-se senhoras de bons destinos e a Moral opera o Milagre que é o de Jesus, de as transformar para a Paz, Amor e a Felicidade que resulta da tranquilidade das suas consciências.

Jesus veio à Terra com o duplo fim de Moralizar e de Estabelecer as bases indestrutíveis da Paz e Concórdia Sociais.

Sempre, porém, que as sociedades e povos, se afastam da Causa Santa da Religião Cristã o seu declínio é certo, e advem-lhes daí um infundo cortejo de desditas e desgraças.

Resvala-se no vício e no crime. O Homem deixa de ser pelo Homem.

As dissensões e lutas sociais levam às lutas fratricidas, e o Mundo cobre-se de luto e de miséria.

De aconselhar é sempre que todos se ponham ao leal serviço de Deus e que afastem, por mais nocivo e criminoso, o egoísmo que é a fonte do mal, a que origina as infelicidades e as grandes amarguras que tornam desditosos os Homens.

A imagem de Jesus — todos se apostem em proteger-se, e em amar-se, o que nos voltará ao Reino de Jesus, em que as Almas se purificam e se engrandecem.

Se não fôra a Religião Cristã maiores seriam os horrores que viriam a conhecer-se e que nos advem das falsas doutrinas e da sementeira de ódios e egoísmos que lavraram em todo o Orbe.

Viva, pois Jesus e a sua Religião.

Soeiro da Costa

Crónica de Vizela

A estação do C. F. e...

Nunca é demais lembrar com palavras de reconhecido louvor a transformação porque passou a extinta e antiga "gaiola", que servia de estação do C. F., para o amplo e arejado edifício que hoje a substitui. Não quero referir-me à sua estrutura arquitetónica, que não sendo das mais aprazíveis, é, no entanto, aceitável. É meu designio referir-me, aqui, simplesmente, ao seu embelezamento e pequenas reparações que, com urgência, carece. Para isso é que aqui chamo a atenção da Ex.^{ma} Gerência da C. F. N. P. — Vamos, pois, ao capítulo embelezamento.

1.º — A estação do C. F. da Vila de Vizela, carece nos panos de muro do Nascente e Poente de painéis com vistas da região ou seus monumentos. — 2.º As paredes internas carecem de nova caiadela, e, de que seja recomendado aos seus empregados a maior limpeza nos pavimentos da mesma. — 3.º Nos terrenos vagos da C. F., se da parte dos funcionários que formam o quadro da referida estação houvesse iniciativa e boa vontade, seriam aproveitados para alguns canteiros que ostentassem singelas e perfumadas florinhas. — 4.º Cá fora, na frente do edifício, duas lampadas electricas, de mais intensidade e potência, do que essas lamparinas que por lá existem.

Vizela, merece-o. Vizela, contribui, e muito, em especial na época terminal, para o tráfego da Companhia.

... e luz electrica.

Houve tempo em que era preciso nas ruas de Vizela, de noite, usar archotes ou os tradicionais candieiros quadrados de vidro. A luz, era, então, abundante em... deficiência. Depois, com o decorrer dos tempos, desapareceram os gasómetros para darem lugar a um vasto «pinheiral», e a um sistema emaranhado de arames que suspendem tristemente umas lamparinas, perdão, umas lampadas electricas.

Ainda em certas artérias, como a que vai da antiga Rua do Médico à Ponte de Pau, a Rua António J. Guimarães e outras que nem sequer ao meio tem uma dessas lamparinas, perdão, lampadas. A Praça da República, essa velha Lameira dos banhos públicos, e, do balneário romano, onde indevidamente se realisa o mercado semanal, prima em abundância de lamparinas (sic) suspensas dos tais «célebres» arames. Não será justo, não estará sob as normas da boa estética, fazer desaparecer essa «Bica Quente», reliquia é certo e mostruário das nossas afamadas águas, mas moutro impróprio do local, e, colocar, vá lá, meia dúzia desses modernos candieiros com os respectivos globos em volta dessa infeliz Praça?...

Não seria justo iluminar melhor essa Praça que ostenta o nome pomposo de Praça da República?... Colocar-lhe ao meio dois desses candieiros monumentais com duas potentes lampadas?...

Afigura-se-nos, e às pessoas de bom senso, que sim. E, esse vasto pinheiral, e arames semelhantes a secadouros de roupa cidadãos, não podiam ser substituídos por postes mais decentes e duradouros?... Sim, mil vezes sim. Como vão ver, os pacientes leitores destas crónicas, a substituição não é achar a «pedra filosofal», como se verificará pelo «orçamento resumo», que se segue, e que pouco mais ou menos pode ser aproveitado pela Empresa concessionária da Luz electrica. Esses postes de cimento armado tem as seguintes características: — são oitavados; o cumprimento regula entre 8 a 10 metros (o molde de 8 metros serve para o de 10 metros) é perfurado no interior para a passagem dos cabos (rede subterrânea); material — cada poste — 8 vergas de 1/2 polegada ou polegada (para os de 10 metros polegada), arame, areia e cimento. O custo de cada poste, com pequenas oscilações, en-

uma torre que é a de *Menagem*, sendo mais tarde, no século XII, acrescentado dos lados nascente, sul e norte, onde residiam o conde D. Henrique e sua mulher, D. Teresa, pais do primeiro rei, que dele fizeram seu paço.

Não obstante não se darem as incursões ou investidas dos Normandos, como se suspeitava a construção da defesa, erguida pela viuva de Hermenegildo Mendez tornou-se dentro em breve em o núcleo de um pequeno burgo ou grupo populacional por meio das casas que se edificando em volta devido à acumulação de famílias que para elas iam residir.

Portanto Guimarães ficou formado por dois burgos. Um constituído à volta do convento, outro circunscrito ao castelo, os quais perduraram até D. João I, que os ligou atravessando a sua constituição toda a primeira dinastia, a-pesar de já D. Fernando I, em uma carta de mercês, concedidas aos vimaranenses no ano de 1369 dizer que tanto os da vila chamada do Castelo, como dessa outra vila deviam formar todos hum povo o e hum concheilo.

Por aquele motivo as duas povoações se uniram e formaram uma só que o dito rei guarneceu de torres e vários reforços no amuralhamento iniciado no tempo de Afonso III,

tre materiais e mão de obra é de 70000 a 80000 esc. para os de 8 metros, e para os de 10 metros 100000 escudos.

Para a confecção dos postes, por administração directa, "á forçiori", que é preciso moldes e bancas. Ora, o custo aproximado de 8 moldes com as competentes bancas, deve orçar aproximadamente, em 2.000000 esc. Serviço limpo, seguro, eterno e caídos de branco, bem bonitos.

Conheço-os em varias terras do país. Supondo que Vizela carece de substituir 100 pinheiros = (pseudos postes a ameaçar ruína) = o que julgo demasia a 100000 esc. cada poste atendendo a transporte, colocar e mais operações necessarias à substituição, somaria 10.000000 esc. com 2.000000 esc. 12.000000 esc. Para uma empresa forte, e que lucros indiscutíveis tem auferido da Vila de Vizela, é, absolutamente nada.

Mas, isto, são calculos feitos pelo corte largo. É de crer que posto em prática, fique mais económico, com um bom e consciencioso dirigente.

Que se realice em Vizela, são os nossos ardentes desejos.

Julio Damas

A Adubação do Trigo no Minho

O lavrador minhoto nunca semeia o trigo ou o centeio sem uma abundante estrumação — não tanto nem tão bom estrume como o que aplica à batata ou ao nabal, — em todo o caso uma estrumação de pelo menos — 20.000 quilos (os bons lavradores vão a 30.000 por cada hectare) sempre superior à que dão ao milho, a não ser os milhos dos prados de lima. Estrume um pouco mais palhoso que o aplicado àquelas duas culturas — a batata e o nabal — mas ainda assim bom estrume, com uma curtiembre de seis meses sob a unha do gado.

Diz êle, o lavrador minhoto, que aquêles cereais se *fazem pelo frio*, e que é preciso, por isso socorrê-los com a *quentura* que o estrume lhes fornece.

Não é para desprezar este calor latente de estrume, produto da sua fermentação, continuada na terra; mas a razão principal da necessidade de uma boa estrumação é outra. É que, nas primeiras fases do desenvolvimento de um cereal do inverno, decorridas em quadras frias, são muito lentas as transformações que o azoto orgânico (o que já está no solo e o que lhe é dado pelo estrume) precisa de sofrer para atingir o estado em que é absorvido pelas plantas, e não é raro até que, em períodos de baixas temperaturas, paralixem totalmente. Compreende-se pois que seja preciso muito estrume para que a seara não falte o azoto indispensável: o estrume leva já algum azoto aproveitável, isto é, em estado tal que as plantas o absorvem imediatamente, mas outro se forma sob o solo, e formar-se-á tanto mais, evidentemente, quanto maior for a quantidade do estrume incorporado.

Com o estrume também se aumenta a capacidade absorvente do solo para o calórico — e é assim que uma terra é tanto mais quente quanto maior for a sua riqueza em humus — aquela matéria negra dos solos.

Louvamos, pois, esta prática minhota, embora a seu respeito tenhamos de fazer alguns comentários apropriados.

O primeiro é que uma dose maciça de estrume na cultura do trigo, em terra fértil, pode acarretar graves inconvenientes.

Terra fértil, bem feita desde longa data; um inverno doce e sem chuvas em excesso; uma primavera amena, mais quente que fria, e húmida — todas estas circunstâncias juntas — contribuíram para que a seara se crie e desenvolva com desusado vigor — tão grande, às vezes, que al por Maio, com a espiga já granada, seu dono anda afito, e com razão,

continuo do de D. Deniz e porventura terminado no de D. Fernando. As ditas duas vilas, a de cima e a de baixo, estavam porém ligadas por um extenso e geral muro de defesa guardado por fortes torres e rematado pelo castelo.

Com o decorrer dos tempos, este castelo, como todas as coisas humanas, sofreu uma grande decadência causada pelas agressões do impiedoso camarello dos homens que, pouco ou nada conhecedores da veneration que lhe era devida e da estética geral, não se esquivaram a aplicar esta construção a fins diversos dos que fora destinado e fazendo-lhe adições que constituíram verdadeiros agravos ao importante papel que fora determinado a desempenhar perante a posteridade.

Se a acção daninha dos séculos muito prejudicava este castelo, imprimindo-lhe uma grande ruína, muito mais ruína foi o resultado da fúria iconoclasta de diversos obreiros.

Bem haja a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais que, nas obras da restauração pôz todo o cuidado em o limpar desses aleijões dando-lhe a correcção devida e pureza primitiva.

Mutilado, despretado e quasi desmantelado como se ostentava não podia continuar. Era tempo mais que suficiente de operar nele as obras indispensaveis para lhe imprimir a renovação condigna, pois êle não fôra, evidentemente, construído para os usos mesquinhos em que estava sendo empregado, servindo de celeiro, depósito de varias coisas, etc.

É ei-lo agora imponentemente erecto garboso e magestoso como uma sentinela vigilante do antigo e glorioso burgo que hoje é uma das mais activas cidades de Portugal e das mais nobres e notáveis tradições que nos cumpre respeitar com verdadeiro amor patriótico e desvelado carinho. Finalmente o secular castelo de Guimarães tem uma História essencialmente respeitável e famosa de que as suas vestustas e enegrecidas pedras são eloquentes testemunhas.

Êle recorda-nos o Passado e o valor dos egrégios antepassados na batalha de S. Mamede, em 1128, contra o conde galego Fernão Peres que nele vivia e os seus partidários a quem D. Afonso Henriques venceu, confirmando assim a independencia do seu novo reino, cujas rédeas governativas, D. Teresa, sua mãe, mostrava relutância em lhe entregar.

P.º Alberto Gonçalves

«O trigo está tão bonito, tão louro! Meus Deus! se vem por aí uma chuva miudinha, caindo lentamente, dia a dia sobre esta formosa seara, lá se vão todas as minhas esperanças! Ela tombará, com certeza, em massa, e tão pesadamente que o sol que vier depois da borrasca não terá forças para a levantar!»

Tem razões de sobra para andar afito, o pobre lavrador... As applicações maciças de estrume (pele de coelho, pilado, etc.) podem, repito, acarretar êste inconveniente, que se agrava, muitas vezes, a seguir, com um violento ataque de ferrugem.

Só as terras pobres podem, sem consequências desagradaveis, receber, na cultura dos cereais de inverno, grandes doses de estrume. Mas outras — aquelas boas terras que considereei há pouco — sejamos parcimoniosos.

Melhor seria que o estrume fosse dado em dose maciça à cultura anterior, a batata, por exemplo. O trigo, a seguir, receberia somente uma adubação mineral conveniente.

Abrimos uma excepção para os trigos precoces italianos — O Mentana, o Ardito, etc. —. A estes sim, convem uma forte estrumação, 40.000, 50.000 quilos, se quizerem, de bom estrume, acompanhada ainda da adubação química. Estes trigos são muito exigentes e, além disso, não acamam com facilidade, porque são variedades de palha baixa.

Mas mesmo que a nossa seara de trigo — aquela que há pouco considereei, isto é, a semeada em boa terra e que se criou em condições excellentes de tempo — se agente sem acamar, a colheita nunca será tão alta como a que obteríamos, em identicas condições climáticas, com uma adubação mixta — isto no caso de persistirmos em aplicar o estrume directamente ao trigo.

Vinte mil quilos de estrume de curral, 30 ou 40 quilos de azoto dado com qualquer dos adubos azotados conhecidos (sulfato de amónio, cal azotada, nitro-amónio, etc.) 500 a 600 quilos de adubos fosfatados, e, em certos casos, de 50 a 100 quilos de sais potássicos asseguram à seara uma produção compensadora.

Se por Janeiro ou Fevereiro o trigo der sinais de sofrimento ou apresentar mau aspecto, uma nitratagem em cobertura (100 a 150 quilos de nitrato de sódio por hectare) deve dar-lhe sufficiente vigor.

Com o estrume só, mesmo em grandes doses (e já vimos o inconveniente das grandes doses) não poderemos alcançar os rendimentos já alcançados pelos países de agricultura adiantada! 4.000, 5.000 quilos por hectare.

O estrume é pobre em sais: sais fosfatados, sais cálcicos, sais potássicos indispensaveis à formação e desenvolvimento do grão e, em doses altas, dá a seara um grande desenvolvimento herbáceo, em prejuizo do fruto.

Com o estrume só, nos nossos trigos regionais de palha alta, não iremos nunca — e isto é um caso optimo — além de 3.000 litros (2.400 a 2.500 quilos).

Devemos aspirar a produções mais altas. Eu bem sei que êstes elevados rendimentos são excepçionais e supõem a acção conjunta de muitos factores favoraveis, mas poderemos, certamente, atingi-los, com variedades seleccionadas, nos anos em que a natureza ajude os nossos esforços — nossos esforços inteligentes, digamos.

Confesso que nunca obtive rendimentos tão altos como aquêles a que me referi há pouco, pois nunca ultrapassei em cultura cuidada, — 3.600 quilos (e só em talhões de superficie reduzida, 100 m²); mas acredito que poderemos alcançá-las um dia.

Mas mesmo que as minhas aspirações sejam apenas uma linda utopia — com o estrume do curral só, então nunca passaremos da *cépa torta*.

Quanto aos adubos a preconizar para a região minhota, há muito por onde escolher. Os adubos clássicos — o sulfato de amónio, a cal azotada, o superfosfato, o fosfato Tomaz, o clorêto de potássio, o sulfato de

(Continua na pág. 7)

Exumações DO PASSADO

(Quadros sinopticos da História Vimaranense)

O CASTELO

FOI este castelo mandado construir no monte latito ou largo em meados do século X pela condessa, viuva Mumadona Díaz, sã e tia de Ramiro II, rei de Leão, sobre umas fortes rochas com dimensões muito mais reduzidas do que as que depois teve e ainda hoje conserva e cuja edificação foi feita, para defesa e segurança dos mosteiros do mosteiro duplex por aquela titular também fundado e dedicado ao Salvador e à Virgem na sua quinta de Vimaranes e no qual se internou e acabou seus dias, entregue à oração e penitência.

Mumadona tinha mais uma sobrinha por nome D. Flámulia que, vivendo em Guimarães, fez o seu testamento na mesma cidade, em 960 da era cristã, tendo distribuído uma importante parte da sua grande fortuna em obras pias.

A fidalga Mumadona ou D. Muma era filha de um Diogo e de uma One-

ca, tendo casado com o conde Hermenegildo Mendez, ao qual sobreviveu.

Ela que se diz pertencer à estirpe real de Leão bem como o marido foram os primeiros senhores do antigo burgo vimaranense e deles provieram os filhos Gonçalo Mendez ou Mendo, Ariane e Oneca, a quem o pai legara por morte, a dita quinta de vimaranes que a cedeu a sua mãe, em troca de uma outra propriedade. Há quem afirme também que o nome da referida quinta derivava do infante Vimarano, irmão de Pelágio, rei das Astúrias e cujo nome se entendeu depois, a todo o burgo, no ano de 760 da nossa era.

Sucedeu a seus pais como senhorio do dito burgo Gonçalo Mendez que casou com D. Hermezinda, a qual sucedeu seu filho o conde D. Mem Gonçalo que teve uma filha por nome D. Elvira que se consorciou com el rei Afonso V de Castela dos quais nasceu D. Sancho futura esposa de D. Fernando, os quais tiveram um filho que el rei D. Afonso VI, pai de D. Teresa, a qual casando com o conde D. Henrique foi mãe de D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal.

Dizem as crónicas que foi inaugurado do acima referido convento, que foi magnificente, assistiram os filhos da fundadora bem como Ru-

dezingo — futuro S. Rozendo — ainda parente da família e muitos outros nobres.

Naqueles antiquísimos tempos, frequentes eram as incursões dos moiros e infieis nas terras dos cristãos. O Crescente travada luta com a Cruz de Cristo e nela muitos perderam a vida e a sua fazenda, obtendo os cristãos a vitória.

Por isso nele se desenvolveram lances prodigiosos de um valor inconcusso, epicas acções de bravura que constituem o assunto das mais brilhantes páginas de glória dos fastos vimaranenses.

Este vetusto castelo que representa heroismo e coragem, foi o origem da grande fama de que gosaram inuitos guerreiros de entre Douro e Minho na sua defesa; foi a salvaguarda da *Casa da Virgem Maria e dos Santos Apóstolos* que o conde D. Henrique elevou à dignidade de sua capela e seu filho confirmou e mais tarde passou a si e a real collegiada cuja história é um manancial de preciosas noticias religiosas da vida local através desses afastados anos de outrora das lutas da Cruz e da Espada.

Por aquele primitivamente este castelo, pois constava somente de

PRODUTOS



ADICO

(MARCA REGISTRADA)

Mobiliário cirúrgico e hospitalar
Móveis modernos cromados

Adelino Dias Costa

AVANCA

TELEFONE, 2

Camas-Lavatórios-Colchoaria

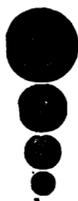
Oficina de Caldeiraria

DE

Luiz Gonçalves & Irmão, L.^{da}

CONSTRUTORES DE

CALDEIRAS TERRESTRES E MARÍTIMAS
— AUTOCLAVES PARA FABRICAS DE TE-
CIDOS — AUTOCLAVES PARA FABRICA
DE CONSERVAS — DEPOSITOS PARA
AZEITES, OLEOS, ETC. E COBERTURAS
METÁLICAS



RUA DO GRIJO N.º 92
LORDELO DO OURO
P O R T O

Telefone
n.º
15846

COMPANHIA FABRIL

DE

SALGUEIROS

(Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada)



F I A Ç Ã O
T E C E L A G E M
T I N T U R A R I A
E E S T A M P A R I A
D E A L G O D Ã O



RUA DA CONSTITUIÇÃO

P O R T O

Telefones: — PBX — 8303 e 8013

A SOCIAL



COMPANHIA
PORTUGUESA
DE SEGUROS

S. A. R. L.

Capital Esc. 500.000\$00

Preferida pela organização da sua assistência para os

Seguros contra desastres no trabalho



SEDE--Rua Cândido Reis, 51 a 61

P O R T O



Agência geral em GUIMARÃIS:

Alberto Pimenta Machado

Delegado para a ASSISTÊNCIA

Henrique de Souza Correia Gomes

Castro, Sousa & C.^a, L.^{da}

Comissões e Representações

Agentes Depositários (Norte Mondego) de:

Soc^{te} Anon.^{me} des Matieres Colo-
rantes & Produits Chimiques de
Saint Denis (Anilinas para todas as Indus-
telas e produtos quimicos para tinturarias).

Compagnie Française des Extraits
Tinctoriaux et Tannants du Havre
(Extraits para cortumes).

Carlos Farinha-LISBOA (Acido acé-
tico, Taninos, Bicromatos, Lãs penteadas e
em fio).

Agentes depositários dos

Produtos da Fabrica "LUSO,"

Alvaíades
Branco de Titânio
e a Inegualável tinta a água

MEMBRANITE
para pintura exterior e interior

EXTRATOS DE CAMPECHE
HEMATINES
SULFORICINATOS

TELEF. 2219-P. B. X.
ELEG. : MIMI-PORTO
COD.- BENTLEY-ABC 6. TH

Rua Alexandre Herculano, 233--Pôrto

FÁBRICAS DE CORTUMES E

CORREIAS DE TRANSMISSÃO



TODOS OS UTENSÍLIOS DE COURO
PARA AS INDÚSTRIAS

Tacos de búfalo e correia. Tira-tacos para tecelagem

Fundada em 1873 na Covilhã por SEBASTIÃO DA SILVA RANITO

Paulo da Silva Ranito

FABRICA DE CORREIAS — 595, Rua Tenente Valadim, 609
Fábrica de Cortumes- "A CONTINENTAL," — Ponte de Pedra

Tele { gramas: LANIÈRES — Porto
fones: 15294 — Fábrica de Correias
S. M. 13 — Fábrica de Cortumes

O NATAL dos nossos pobrezinhos

Transporte	1.994\$50
Egídio Pereira da Silva (Belos Ares)	5\$00
Anónimo	10\$00
José de Castro Guimarães Sucrs.	5\$00
Dr. Augusto Luciano Guimarães	2\$50
Jerónimo Lima	5\$00
Tenente-Coronel Francisco Martins Ferreira	20\$00
Agostinho da Silva Areias (Serzedelo)	20\$00
Francisco d'Assis Pereira Dantas	5\$00
Jerónimo Baptista Pires Leite (Rio de Janeiro)	100\$00
Manuel da Silva Pinto dos Santos	10\$00
T. S.	5\$00
Dr. Francisco Fernandes (S. Torcato)	10\$00
Dr. Serafim Ferreira de Oliveira (sufragando a alma de Carlos Ferreira Martins)	5\$00
D. Mariana Soares Moreira	10\$00
A memória de Joaquim Martins Guimarães	50\$00
Dr. Edwiges Machado	10\$00
José Joaquim	5\$00
D. Antonieta da Cruz Rodrigues (Vila do Conde)	10\$00
Anónimo	20\$00
Augusto d'Aguiar	5\$00
António Pereira de Sousa	5\$00
José Miranda Júnior	5\$00
Café Oriental	20\$00
Anónima (Nespereira)	20\$00
Francisco Gonçalves (Cruz d'Argola)	10\$00
Sebastião Pereira Guedes	10\$00
Joaquim Fernandes Marques (Rio de Janeiro)	50\$00
José de Freitas Silva Guimarães (S. Paulo)	100\$00
Manuel José da Costa Guimarães (Aveiro)	5\$00
Anónimo	5\$00
Albano Martins Coelho Lima (Pevidém)	10\$00
Dr. Luiz Martins da Costa (Aldão)	5\$00
João Aires de Sousa Pereira Guimarães (Abação)	10\$00
Manuel António de Castro	10\$00
Coronel Luiz Pereira Loureiro (Lisboa)	20\$00
L. L.	10\$00
Francisco Machado (África Oriental)	35\$00
D. Fernandes	10\$00
Júlio Pereira Figueiredo	5\$00
Benjamin Pereira dos Santos	5\$00
José Faria Martins	10\$00
José Nunes Pinto	5\$00
A. Guimarães	5\$00
José de Oliveira	10\$00
Gaspar Gonçalves Coelho	5\$00
Anónimo	1\$00
Braga & Carvalho	5\$00
Dr. Manuel Jesus de Sousa	5\$00
João Alves Pimenta	5\$00
Augusto Joaquim da Silva Guimarães	5\$00
Anónimo	5\$00
António José de Oliveira, Filhos	100\$00
José Pinheiro	5\$00
Armindo Coelho	7\$50
D. Maria de Jesus Paúl	5\$00
R. Rocha	5\$00
Dr. Maximiano Pinto de Simões	20\$00
José Mendes Ribeiro Júnior	20\$00
José Pereira de Almeida (S. Martinho do Conde)	5\$00
Abílio Pinto de Barros (S. Martinho de Campo)	30\$00
Adolfo Esteves (Covas)	10\$00
D. Maria Constância Sousa Bandeira Guimarães (Braga)	20\$00
António José Machado (Ronde) sufragando a alma de seus pais	10\$00
Manuel Bernardino Ferreira, sufragando a alma de seus pais	10\$00
Francisco Ribeiro da Silva	10\$00
António da Costa Pacheco	5\$00
Joaquim da Silva Xavier	10\$00
Edmundo Hermes Ribeiro	5\$00
Anónimo	5\$00
Herculano Dias Queiroz	10\$00
Augusto Pinto Lisboa (Pevidém)	20\$00
D. Beatriz dos Santos Malaquias (Arrifana)	10\$00
José R. Moreira Sá Melo (Vizela)	5\$00
Dr. Francisco Moreira Sampaio	20\$00
Mário Simões	5\$00
José Torcato Ribeiro Júnior	20\$00
António Alves Martins	5\$00
Vasco Burmester Martins (Foz do Douro), sufragando a alma de seu sogro	20\$00
Domingos Lopes de Barros	5\$00
Benjamin de Matos	10\$00
Júlio António Cardoso (Lamego)	20\$00
José Mendes de Oliveira	20\$00
António José da Costa	5\$00
Anónimo	2\$50
Gaspar Lopes Martins (Santos — Brazil), sufragando a alma de seu pai	50\$00
Amaro Lopes Martins, idem	50\$00
Manuel de Magalhães (Santos)	20\$00
Xavieres, Lt.ª	10\$00
Sapataria Luzo	10\$00
António Miguel de Oliveira	2\$50
D. Júlia Teixeira d'Aguiar	5\$00
José de Sousa Neves	5\$00
José Maria Almeida (Amares)	30\$00
Pedro da Silva Freitas	10\$00
Major Paiva	10\$00
José Maria Antunes de Castro (Caldas da Rainha)	10\$00
Casimiro Gonçalves Ribeiro	5\$00
Menino José Maria Azevedo Nunes	10\$00
António Pimenta	15\$00
Manuel Artur Gonçalves Ferreira	5\$00
D. Luiza d'Araújo Gomes Guimarães	20\$00
Anónimo	10\$00
João André, sufragando a alma de seu irmão	20\$00
José Maria da Mota Freitas (Pórtio)	5\$00
Alberto Teixeira Faria d'Andrade (Figueira da Foz)	5\$00
Dr. Manuel Leite Dias Machado (Cruz d'Argola)	50\$00
Eugénio & Novais	10\$00
D. Rita Moura Machado	5\$00
J. Fonseca	10\$00
S. L.	10\$00
A transportar	3.574\$50

sas, dando assim movimento às ruas.

Chamei o criado, paguei a despesa, e lancei para aquela comum boa disposição um olhar de despedida bem custosa. Mas não quiz sair sem primeiro saber aquilo que me propuzera averiguar, e, assim, perguntei ao criado se alguma das pequenas era prima daquêles senhores, pois todos a tratavam como tal. Mãrla velha, ao mesmo tempo que guardava no bolso a gorgeta

que lhe tinha sido dada, respondeu que nada sabia, mas, comentou sorrindo maliciosamente, como ela está em casa da tia, é natural que assim aconteça.

Francisco António.

SAPATOS PARA HOMEN
55\$00
com garantia de fabricação só na
SAPATARIA LUSO

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Dr. Castro Ferreira — *Fês anos no passado dia 20 o nosso prezado amigo sr. dr. Castro Ferreira, distinto clínico e muito digno Vereador da Higiene, a quem o "Notícias de Guimarães", apresenta, embora tarde, os seus cumprimentos de felicitações.*

Fizeram e fazem anos — *Dia 24, António Martins Ribeiro; dia 26, Casimiro Gonçalves Ribeiro. Parabéns.*

Dr. Américo Durão — *Tem passado ligeiramente incomodado o nosso querido amigo e Ilustre Colaborador sr. Dr. Américo Durão, a quem desejamos rápidas melhoras.*

— *Também tem passado doente o nosso amigo sr. Domingos Monteiro. Desejamos as suas melhoras.*

Partidas e chegadas

Vimos nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Arnaldo Alves de Freitas.

— *Partiu para Monsul, com demora de uns dias o nosso prezado amigo sr. Manuel da Costa Pedrosa.*

Diversas Notícias

Vida Católica

Santa Luzia — Ainda a propósito da festividade em honra de Santa Luzia efectuada na igreja de S. Dâmaso, devemos dizer que a armação daquêllo templo, que produzia lindo efeito, era da conceituada casa Eugénio & Novais, e a parte coral esteve a cargo do estimado organista sr. Francisco Correia Lopes.

A Mesa da Irmandade, mas muito especialmente os nossos amigos srs. Francisco José Fernandes e Joaquim da Cunha Machado, respectivamente Juiz e Tesoureiro, são dignos dos nossos louvores.

A Comissão de Senhoras para a festividade de 1939, ficou assim constituída:

Juiz — D. Isaura de Jesus da Costa Rodrigues Figueiredo; Moradoras: D. Maria Ondina de Castro Meireles, D. Carolina da Conceição Neves de Castro Sousa Dias, D. Maria de Belém da Cunha Machado, D. Ana da Silva Leite Gonçalves, D. Custódia Costa, D. Quitéria Ana Vieira da Cunha Machado, D. Ana Cândida Gomes da Cunha Machado, D. Maria Amélia Sampaio, D. Berta da Silva Lopes.

Memória Deus — Na capela de N. S.ª da Guia, realiza-se, hoje, a festividade do Menino Deus, havendo ás 8,30 duas missas, prática e bênção do SS.ª Sacramento, seguindo-se a exposição de um lindo presépio.

— Em várias igrejas e capelas da cidade e das freguesias limítrofes, realizam-se hoje imponentes festividades em honra de Deus Menino.

Presépio — Os rapazes da Juventude Operária Católica expõem, hoje dia de Natal, na sede da Acção Católica, junto à igreja de S. Dâmaso, um lindo presépio para ser visto por todas as pessoas para o que está neste dia a sede franca ao público.

Durante a tarde será feito o leilão das muitas e variadas prendas que já teem, cujo produto se destina ás despesas com o culto na igreja.

Irmandade de Santa Vera Cruz — Tendo-se procedido à eleição da Irmandade de Santa Vera Cruz para os anos de 1939 a 1941, deu o seguinte resultado:

Juiz, Manuel de Freitas; Secretário, João da Silva; Tesoureiro, Joaquim António Cunha Machado; Vogais, José da Costa Pontes, Inácio Ferreira, Luiz Oliveira Simões e Joaquim Alves Oliveira; Suplentes, António Oliveira Simões, José Maria Gonçalves, Silvino José Fernandes e Sebastião da Cunha.

Sarau acadêmico

Conforme estava anunciado efectuou-se na passada segunda feira, no nosso Novo Teatro, um Sarau Acadêmico promovido pelos alunos do Liceu Martins Sarmiento em benefício da Caixa Escolar o qual teve numerosa e selecta assistência.

No início o académico sr. Alexandre Pacheco Guimarães proferiu algumas palavras de abertura, salientando ao mesmo tempo o alcance daquella festa que devia ter-se realizado no 1.º de Dezembro, o que circunstâncias várias não permitiram. Seguidamente exhibiu-se o Orféo (1.º e 2.º ciclos), que executou várias composições sob a regência da Professora de Canto Coral.

Depois subiu à cena a peça em 3 actos de Almeida Garrett «D. Filipa de Vilhena» em que tomaram parte diversos alunos do Liceu.

Movimento Associativo

Associação Vímber Familiar Operária Vimaranesse — No passado domingo efectuou-se com bastante concorrência a Assembleia Geral desta prestante colectividade, tendo sido eleitos, por unanimidade, os novos corpos gerentes que ficaram assim constituídos:

Assembleia Geral — Presidente, Manuel Cardoso; 1.º Secretário, José Teixeira Guimarães; 2.º idem, António José da Silva.

Direcção — Presidente, João Ferreira Rodrigues; Secretário, João da Silva; Tesoureiro, Francisco Félix

Guimarães; Directores: Francisco de Assis Ribeiro da Cunha, Alberto da Silva Oliveira Salgado, Manuel Pinto de Carvalho Júnior e Alfredo Dias da Fonseca.

Suplentes — Presidente, José Ventura Parêdes; Secretário, Horácio Ladeira; Tesoureiro, António das Neves Saraiva; Directores: Armino António Pereira, José Gonçalves, António Alves Machado e António de Freitas.

Conselho Fiscal: Emilio Pereira de Macêdo, Joaquim Garcia e Abraão José de Abreu; Suplentes: Américo Alves Ferreira, José de Miranda Júnior e Delfim José Mendes de Sousa.

Subsídio de invalidez

A Câmara, em sua última sessão, aprovou o processo de concessão do subsídio de invalidez ao zelador João da Costa, pelo qual se verifica ter o referido zelador 23 anos de serviço efectivo do município, achar-se absoluta e permanentemente impossibilitado de exercer as funções do seu cargo, receber 250\$00 mensais, sendo-lhe autorizado o respectivo pagamento a partir do dia 2 de Setembro p. p.º.

Sociedade dos Escritores e Compositores Teatrais

Foi nomeado agente nesta cidade da Sociedade dos Escritores e Compositores Teatrais, o nosso amigo sr. Francisco Laranjeiro dos Reis, em substituição do sr. dr. Fernando Aires, que desempenhou aquelas funções durante alguns anos e que abandonou o cargo em virtude dos seus inúmeros afazeres.

Asilo de Santa Estefânia

No Salão desta instituição de beneficência encontra-se em exposição desde hoje até ao dia 6 de Janeiro, os trabalhos das internadas.

Sorteio adiado

Pedem-nos tornemos público que ficou transferido para a primeira lotaria de Março de 1939 o sorteio de uma máquina de cravar calçado que devia realizar-se pela Lotaria do Natal.

Espectáculos

No dia 30 do corrente realiza-se no Teatro Martins Sarmiento um espectáculo promovido pela Juventude Escolar Católica (Secção do Liceu Martins Sarmiento).

— No dia 13 de Janeiro visita-nos o grupo cénico e musical da Academia de Braga que dará em Guimarães uma recita de gala com um variado e atraente programa.

Venerável Ordem Terceira de S. Francisco

Em Assembleia Geral Ordinária foi eleita a nova Mesa da V. O. T. de S. Francisco bem como a Comissão de Senhoras, ficando assim constituída:

Mesa — Ministro, Gaspar Ferreira Paúl; Vice-Ministro, Leopoldo Martins, de Freitas (Dr.); Secretário, Casimiro Martins Fernandes; Vigário do Culto, António da Costa Pereira Guimarães (Padre); Tesoureiro, António Emilio da Costa Ribeiro; Vogais, Apregio Neves de Castro, Benjamin Constante da Costa Matos, João António Sampaio, João Mendes Fernandes, José Maria Félix Pereira, Manuel de Sousa Guise. Substitutos: Francisco Inácio da Cunha Guimarães, Joaquim de Sousa Pinto, José Carlos Simões Velloso de Almeida (Padre), José Faria Martins e Jerónimo Ribeiro da Costa Sampaio.

Comissão de Senhoras: D. Maria da Natividade de Cabral Paúl, D. Emilia de Oliveira Felix, D. Maria Izabel Campos de Freitas, D. Maria Carolina Baptista de Faria, D. Maria Amélia Nogueira de Abreu e D. Otélinda Lopes da Cunha Neves.

Boas-festas

Dignaram-se apresentar-nos os seus cumprimentos de boas-festas os nossos prezados amigos srs. Gaspar Lopes Martins, de S. Paulo, Manuel Gonçalves, digno concessionário do Hotel da Penha, dr. Maximiano Pinto de Simões; António Ribeiro de Castro, digno sub-chefe músico

A SEDARIA

FÁBRICA DE TECIDOS DE SEDA,
TECELAGEM, TINTURARIA,
ESTAMPARIA E ACABAMENTOS

M. ALVES RIBEIRO EM C.ª

R. ANÍBAL PATRÍCIO, 410

PORTO

TELEFONES: 8555 E 8955 (P. B. X.)

AGÊNCIA EM LISBOA

R. DOS SAPATEIROS, 112-2.º

TELEPHONE, 29446

Falta de espaço

Já depois de compostas e devido não só à falta de espaço mas, também, à escassez de tempo com que lutamos para a organizar este n.º ficam-nos as seguintes secções: Correspondências de Mesão Frio (esta já retardada na redacção), Pevidém e S. Torcato; Secção Edipista, noticiário e outro original de alguns nossos prezados colaboradores. Que todos nos desculpem esta falta que procuraremos remediar a partir do próximo n.º

Sociedade Martins Sarmiento

CONVITE

São convidados em 2.ª convocação os sócios desta colectividade para uma reunião de Assembleia Geral que se efectuará pelas 17 horas do dia 31 do corrente, afim de se resolver sobre uma expropriação a que a Câmara tenciona proceder em propriedade desta Sociedade.

Guimarães, 22-Dezembro-1938.

O Presidente,
Mário Cardoso.

Anunciai no «Notícias de Guimarães» e fazeis uma boa propaganda.

BATA

Botas altas e galochas de borracha da Tchecoslováquia, confirmada pelos Ex.ªª Clientes a melhor marca do mundo.

Chegou nova remessa à
203) **SAPATARIA LUSO**

PROPRIEDADE

Vende-se uma propriedade com cinco moradas de casas, vinha e terrenos e árvores de fruto, na freguesia de Santa Maria de Infias, deste concelho. Para informações em casa de João Baptista Machado, de S. Martinho do Conde, dêste concelho. [214]

Bom emprêgo de capital

Vende-se um prédio de 2 andares, numa das artérias da Cidade, dando o juro de 13% ao ano. Falar na Redacção dêste jornal, onde se dão esclarecimentos.

Frio! Frio!

O melhor sortido de agasalho em PULVERS, BLUSAS e CASACOS (última moda) MALHAS interiores em tã e algodão, LUVAS, POLAINITOS. Meias de Lã, SEDA e ALGODÃO (sortido formidável) para homem, senhora e criança. Só o da

Camisaria Martins
190) **a Casa das Melas.**

QUINTA DO RIO

Na freguesia de S. Torcato, vende-se. Quem pretender dirija-se à Casa Roberto, Suc.ª. [202]

50\$00

É o preço porque a SAPATARIA LUSO vende sapatos de meio salto em camurça e chevreaux para senhora.

Vende-se uma bancada e duas cadeiras para barbeiro. Ver e falar, rua 5 de Outubro, 12, Guimarães. [207]

CINEMAS

Teatro Martins Sarmiento

Hoje — «Revolta na Índia», magnífico film colorido, que será exibido ás 15 e ás 21 horas.

Amanhã — 2.ª-Feira — «O fugitivo desceu à Cidade».

Dois filmes que devem atrair à nossa nova e modelar casa de espectáculos uma assistência extraordinária.

Cine Gil Vicente

Hoje — «Só vivemos uma vez» — magnífico film.

Chegou o Inverno

Calçado de agasalho. Enorme sortido. Sapatos de feltro em sola com salto a 17\$00. Ditos de bom agasalho a 7\$50. Galochas, botas altas para homem, senhora e criança. Vejam o nosso sortido.

Vejam os nossos preços. Só na **Camisaria Martins** A CASA DAS MEIAS [189]

Críticas Pequenas

Entre as publicações da EDITORA EDUCAÇÃO NACIONAL do ano de 1938 ocupam um lugar de alto preço os dois volumes de Vasco Botelho de Amaral com o nome de DICIONÁRIO DE DIFICULDADES DA LÍNGUA PORTUGUESA.

Agostinho de Campos, ao prefaciar o trabalho do Linguísta, assinala o seu nascimento em 1912.

A primeira vista, ao primeiro relancear dos olhos pelos dois volumes, a vasta miscelânea de tanto latim e inglês e francês e italiano e castelhano por entre o que naturalmente se procura, deixa-nos uma impressão de desagrado.

Mas à medida que vamos compulsando o trabalho e observando o seu equilíbrio e admirando a sua erudição e surpreendendo o seu saber nas várias línguas, vem-nos à lembrança estranhar como é possível que aos 26 anos de idade se possa oferecer ao público um tal monumento de saber.

Por diversas vezes hemos visto interessantes estudos do Filólogo, mas os dois volumes representam um repositório de vastíssimo alcance para quem se dedique ao prazer de bem falar e bem escrever.

Não quer o Autor que usemos o termo *aplomb*. Dá-lhe dezassete substitutos.

Entre o que propõe para extinguir o *au rabais*, oferece-nos por *déris de mel coado*. Aquela exótica escrita do *deix* ou é amabilidade a Agostinho de Campos, ou mau gosto dos dous.

Para *charivari*, dá catorze substitutos. Cãdido de Figueiredo e o Lello Universal foram mais tolerantes.

Na palavra *colectivo* manda ver no *Apêndice a concordância*. Deveria aí registar o que nos oferece na *Propriedade dos termos*.

Do impertinente *constatar* dedica dezasseis sinónimos e ainda emprega um etc.

Vinte equivalentes, dá êle à *coquette*.

Sobre o emprêgo do *de*, em ruas e quejandas coisas, dá-nos um estudo dos mais importantes do seu labor.

Lembra que Epifânio achava *dem* melhor que *dém*. Mãe lembrança!

Para guerrear a *etapa*, apresenta vinte e seis carabinas.

Quere que digamos o *grude*. Gonçalves Viana dizia a *grude* e o *grude*. Grande Mestre!

As benemeritas *Noelistas* conseguiram do saudosíssimo João da Silva Correia um largo estudo, na Revista *A Língua Portuguesa*, a demonstrar a legitimidade do seu nome de bem fazer.

Só Agostinho de Campos e Ricardo Jorge mereceram atenção ao novo Linguísta nosso, com a indicação do nome de *Natallistas*. Infelizes Noelistas!

Nas erratas não indicou as linhas. Fraca ideia.

Ao emendar na página 30 do 2.º vol., parece que ofendeu algo a sua regra de sintaxe verbal. E roubou ao *pâté* o acento circunflexo.

Mas estas ninharias tôdas em nada diminuem o valor de uma obra que nos veio revelar um Paladino da Linguagem capaz de se sentar entre os primeiros dos grandes Mestres da materna Língua.

Teatro Cine Parque
— *Vizela* —
Segunda-feira, 26 de Dezembro de 1938
O grande filme português
OS FIDALGOS DA CASA MOURISCA
(210)

Gazetilha

O meu Menino Jesus! Acabei com esta cruz que se tornou colossal, mandai uma consoada, mas que seja apropriada — a *lutada* do Natal.

Ela há-de ser para alguém, e a mim calhava-me bem, muito necessito dela, mas se é grande o atrevimento — serve uma simples cautela.

Um bilhete premiado! Isso seria contado por algumas gerações, e para a *verba* gastar era fácil arranjar alguns bons *camaradões*.

Seria também bondoso, quando não, era culposo atender só coisas falsas, dava às crianças, jalecas, e a quem andasse em cuecas também dava um par de calças.

Mas pensar na lotaria não passa de uma utopia, é simples fantasiar, julgo mesmo um impossível, falta o *pingo disponível* para o bilhete comprar.

O meu Menino e Senhor! Sem bilhete era o favor feito com toda a limpeza, ou então, inda servia, o jogar na lotaria, mas ter do prêmio a certeza.

Camara Dão.

Calçado para agasalho!

Basta só saber-se que é anúncio da
SAPATARIA LUSO

A propósito de uma Comemoração

O nosso jornal, neste seu número, não pode deixar de se referir ao notável acontecimento que são as bôdas de prata da importante Companhia de Seguros «O Trabalho», com sede na cidade do Porto. Esta Companhia, modeladamente organizada e instalada em edifício próprio, fundada em 1921, é a continuadora da Sociedade Mútua dos Construtores Civis do Norte de Portugal, instituição que começou a exercer a sua actividade em 1913, para a exploração do ramo Acidentes do Trabalho.

Durante 21 anos, até fins de 1934, apenas explorou esse ramo de seguros, com os melhores resultados, diga-se desde já, pois os seus relatórios indicam claramente o grau de prosperidade atingido num ramo que acarreta a muitas Companhias as maiores dificuldades. Foi tal o desenvolvimento atingido que a Companhia de Seguros «O Trabalho» explora actualmente os ramos: Fôgo; Acidentes do Trabalho; Acidentes Pessoais; Automóveis; Marítimo; Cristais; Agricultura, etc.

E hoje, sem favor, um dos melhores e mais sólidos organismos seguradores portugueses. Chamamos a atenção dos nossos leitores para esta Companhia e aconselhamo-la a que a consultem, sempre que precisem de efectuar qualquer seguro.

Como dizemos acima, «O Trabalho» comemora as suas bôdas de prata no dia 19 de Janeiro próximo. Como nota simpática, resolveu o seu Conselho de Administração, constituído pelos srs. Zeferino de Sousa Ferreira, Manuel da Silva Moreira e Manuel José de Miranda, reunir, nesse dia, num grande almoço os seus empregados, agentes, auxiliares e todos os antigos corpos gerentes.

Festa interessante, a que não faltará a evocação de muitos dos antigos administradores já falecidos, servirá para estreitar ainda mais os laços que unem todos quantos trabalham nessa Companhia.

Guimarães, esta nossa querida cidade, não foi esquecida. Assim, findo o almoço, os convivas virão visitar a nossa terra. Ideia gentil, a que nenhum vimezanense poderá ficar indiferente, prova bem quanto a nossa cidade é apreciada e estimada. Sabemos nós corresponder a esta gentileza e procuremos, em nosso próprio interesse, ligar cada vez maior importância à indústria de seguros, seguindo o velho aforismo: mais vale prevenir... que remediar.

E falar em seguros, o mesmo é que falar na Companhia de Seguros «O Trabalho».

E agente desta Companhia, na nossa cidade, o sr. Alberto Pimenta Machado, morador na Rua de Paio Galvão, com quem se podem tratar todos os assuntos referentes a seguros.

«E A G L E»

A melhor Gabardine, a mais barata. Perfeito acabamento, cores garantidas.

Escreve-se «Eagle» lê-se Igle e significa a melhor marca.

Gabardines — Sobretudo modernos. Vendedores exclusivos nesta cidade, Camisaria Martins e Loja das Camisas, junto ao Hotel Toural. (200)

Homenagem ao Benemérito José Pereira Tôres Carneiro

Justa foi a consagração prestada pela Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, no passado Domingo, à memória do seu grande benemérito sr. José Pereira Tôres Carneiro, Vimezanense pelo nascimento que à sua Terra quis legar, em última vontade, a sua avultada fortuna e que não esqueceu nem os pobres nem as crianças da sua freguesia de Serzedelo, nem os pobres, nem as instituições de beneficência e de cultura da Cidade de Guimarães.

Nobre exemplo nos legou Torres Carneiro a par da sua fortuna grandeada lá longe da sua Terra e da sua Pátria, pelo trabalho honrado. E pôde dizer-se que Torres Carneiro trabalhou com entusiasmo e esforçadamente em prol da humanidade e nos deixou uma obra notável — obra que

contos recebidos do Fundo de De-semprego e cerca de 15 contos oferecidos em materiais por um grupo de Amigos do Hospital a quem publicamente agradecia.

Por tudo bem digno era Torres Carneiro da homenagem que a Misericórdia de Guimarães prestava, mandando colocar na galeria dos beneméritos da Santa Casa, o seu retrato num baixo relêvo em bronze, da autoria do Ilustre Escultor sr. António de Azevedo, digno director e professor da nossa Escola Industrial e Commercial a quem apresentamos as suas felicitações.

Disse que, sendo a Misericórdia órgão central da assistência, no concelho, e estando ali representadas as várias Instituições de utilidade local, também contempladas, não ficaria mal



José Pereira Tôres Carneiro

teve início após a sua morte sim, mas que foi por ele idealizada, obra essa que foi paga com o seu dinheiro.

Bem merecia Torres Carneiro a homenagem que por iniciativa da digna Mesa da Santa Casa da Misericórdia desta Cidade lhe foi prestada e que teve início às 9 horas do referido dia com uma missa que o rev. Gaspar Nunes, com a assistência de numerosas pessoas e representantes das corporações vimezanenses, celebrou na igreja do Hospital.

Seguidamente procedeu-se ao átrio do Hospital, ao desceramento do medalhão, em bronze, obra do distinto Escultor sr. António Azevedo, Director da Escola Industrial e Commercial «Francisco de Holanda» que mais uma vez nos revelou as suas inulgaráveis qualidades de Artista, merecendo por isso os nossos louvores.

Ao acto assistiram a Mesa da St.ª Casa da Misericórdia, representantes das mesas das V. O. T. de S. Francisco e S. Domingos, da Irmandade dos Santos Passos, dos Bombeiros Voluntários, da S. M. S., das Oficinas de S. José, Asilo de Santa Estefânia, António José Pereira de Lima, vice-presidente da Câmara; Irmãs Hospitalares, Corpo Clínico do Hospital, Imprensa, muitas senhoras, etc., etc.

O Ilustre Provedor da St.ª Casa da Misericórdia, sr. José Gilberto Pereira, usou da palavra.

Em seu nome e nos dos seus Colegas de Mesa, agradeceu a todos os presentes a honra de os distinguirem com a sua presença.

Havia chegado finalmente o dia em que todos iam testemunhar a sua gratidão à memória do grande benemérito José Pereira Tôres Carneiro, natural da freguesia de Serzedelo, dèste concelho e que no testamento com que faleceu legou à Misericórdia metade do remanescente da sua herança.

Desde que a Mesa da sua presidência teve conhecimento do montante da herança, pensou que a homenagem a prestar-lhe não deveria resumir-se só à galeria dos beneméritos, (sem dúvida) a mais própria para novos estímulos) mas estendê-la também a todo o Hospital Geral, dotando-o com melhoramentos mais urgentes, a fim de que o nome de Torres Carneiro, ficasse bem conhecido dos que mais de perto sentem os benefícios da Misericórdia e que o seu exemplo tão nobre seja imitado e seguido.

Para mais honrar a memória de tão grande benemérito indicou sumariamente as obras de maior vulto liti-gadamente feitas, convidando os presentes a visitá-las.

Disse que não há sem grandes dificuldades, responsabilidades e aborrecimentos, entraves e burocracias mas que tudo é obra de Torres Carneiro e se fez em homenagem à sua memória.

E que tudo foi feito com as receitas já recebidas, com excepção de 30

lembrar naquele momento que José Pereira Tôres Carneiro, legou a outra metade do remanescente da sua fortuna, à Venerável O. T. de S. Francisco e mais 100 contos à mesma para a instalação da *casa de caridade*, por êle já denominada «A Família Maternal», interessante modalidade de assistência que ainda não existia nesta cidade. Contemplou também a Câmara Municipal com 2 mil libras do emprést. Brasileiro 1883; com 1 título de mil libras emprést. 1888 à Junta de Freguesia de Serzedelo, os Hospitais da Misericórdia, S. Francisco e S. Domingos com 10 contos a cada uma; 5 contos aos Bombeiros Voluntários; aos Asilos de Santa Estefânia, Campo da Feira, S. Paio, Oficinas de S. José, Creche de S. Francisco e Sociedade Martins Sarmiento, com 4 contos a cada uma; ao Comércio de Guimarães e Notícias de Guimarães 200 escudos a cada um, para os seus pobres e 1 conto para os pobres da sua freguesia natal.

Por último convidou um dos velhinhos internados da Santa Casa a descerrar o monumento, a quem encarregou também de ser o orador oficial daquela solenidade para que o reconhecimento mudo das suas lágrimas e as preces pronunciadas pelos seus já trêmulos lábios melhor fôsem aceites por Deus em benefício da grande alma de tam grande Beneficitor.

O acto comoveu profundamente todos os assistentes. O velhinho António Prata descerrou por entre estrondosas salvas de palmas o retrato do grande benemérito e, no cumprimento de um dever, em voz trêmula, sem contudo esconder as lágrimas que lhe caíam pelo rosto, resou um Padre Nosso.

Seguidamente falou em nome do corpo clínico do Hospital, o seu Ilustre Director sr. Dr. Alfredo Peixoto, que pronunciou um eloquente discurso sendo escutado no meio do maior silêncio.

As palavras de S. Ex.ª causaram no numeroso auditório a melhor impressão e outra coisa não era de esperar, pois o seu notável discurso, que lamentamos não poder transcrever, constituiu um trabalho literário que vem confirmar mais uma vez os dotes de inteligência de S. Ex.ª

Finda a sessão todos os assistentes a convite da Mesa da Santa Casa fizeram uma

Visita ao Hospital
As enfermarias higiénicamente arranjadas, onde manifestamente se vê a organização dos serviços das beneméritos Irmãs Franciscanas Hospitalares Portuguesas, são excelentes, vendo-se ali mobília, roupas muito alvas e junto destas os lavavos, retretes, banhos, etc.

As novas salas de operações, sépticas e asépticas, salas de anestesia e esterilizações, obra executada em materiais de primeira ordem e segundo os requisitos modernos, não faltando higiene e conforto.

Ali se verifica que todos os porme-

nores fôram respeitados, com uma distribuição perfeita e prática, mobiliário excelente e apropriado, boas mèsas de operações, sendo uma para grande cirurgia com todos os aperfeiçoamentos modernos, com os seus acessórios e comando à cabeceira, tomando todos os movimentos.

O arsenal cirúrgico que já era numeroso foi enriquecido com diversas peças novas, entre elas um aparelho para transfusão de sangue, outro de Ombredano para anestesia, material para oftalmologia, etc., etc.

O salão da Maternidade com as suas camas próprias, bercinhos, banheiras e demais mobiliário, interessante pela sua disposição.

O asseio em que se encontram os quartos para pensionistas prende a atenção dos visitantes, bem como as respectivas instalações de banhos.

Tudo isto localizado no primeiro andar do edificio.

E no rez do chão está instalada a aceitação, ampla e confortável sala e seguidamente as salas de consulta, curativos, ginecologia, urologia, pequenas intervenções cirúrgicas, sifilografia, raios ultra-violetas, diatermia, laboratório farmacêutico, consulta de oftalmologia e salas para doentes em observação.

Constitui esta zona o centro médico formado pela aceitação de doentes, consultas para diagnóstico, selecção de casos, tratameto e admissão de doentes urgentes, etc.

As novas instalações da cozinha dão um aspecto agradável, de muita higiene e asseio. Toda forrada de azulejos brancos, com suas mèsas e armários do mesmo material e pedra mármore, muito ampla. Junto a secção de esterilização de louças por meio de vapor, com as suas tinas em cobre estanhado, bancas de copa, lavatórios, materiais de primeira ordem, bem como optima caldeira, de modelar fabricação, podendo aproveitar-se para o aquecimento central.

Esta obra é digna de vêr-se, sendo talvez a mais importante para a defesa sanitária do Hospital.

Acabou a repugnância das louças mal lavadas e o receio de uma fraca desinfecção.

Também vimos a máquina de fabricar gelo, importante aquisição que não só beneficia o Hospital como veio dotar a cidade de um remédio que imediatamente poderá ser adquirido.

Soubemos que de freguesias distantes e concelhos vizinhos já teem vindo buscar gelo ao Hospital.

Com tôdas estas instalações a água privativa não chega e foi necessário proceder-se a uma exploração de águas que ainda continua e que segundo o que verificamos fica muito dispêndiosa.

Nota. — Tôdas as obras foram feitas exclusivamente por administração directa da Mesa e sob a fiscalização dos engenheiros dos Edifícios Nacionais e da Circunscrição Industrial.

Uma vez executadas estas obras de grande benefício para o hospital e para o bom desempenho dos serviços pretende agora a Mesa construir a outra parte do edificio, para o que já pediu a comparticipação do Estado, sem o que não poderá ser feita e assim se verá privada de alargar a assistência concelhia.

Aos ex.ªs srs. José Gilberto Pereira, P.º Gaspar Nunes e Joaquim Azevedo, dignos Provedor e membros da Mesa da St.ª Casa da Misericórdia, temos que agradecer as muitas e penhorantes atenções que se dignaram dispensar-nos durante a visita, não só acompanhando-nos através das diversas enfermarias e salas mas, também, prestando-nos todos os esclarecimentos.

E agradecendo-lhes essas atenções não podemos nem devemos deixar de aqui, publicamente como é necessário, salientar a obra que estão operando na primeira Casa de Caridade de Guimarães. O que ali vimos, o que ouvimos, são as provas suficientes de que se tem trabalhado em prol da Humanidade sofredora — do muito que se tem trabalhado e do muito, também, que se tem realizado já. Parabéns, pois.

A Cultura do Trigo

(Continuado da página 5)

potássio — serão um dia destronados pelos adubos sintéticos, o nitrofoska, leunaphos, nitro-amónio, etc. etc. Estes, é preciso ser justo, são adubos excelentes e têm dado admiráveis provas do seu valor embora a sua acção seja sobretudo visível, tenho-o notado, nas ervas forrageiras e nas culturas hortícolas.

Muito haveria a dizer acerca dèste assunto, mas não acabaria nunca... se continuássemos. Fica para outra ocasião. Por agora direi apenas que nas terras minhotas, muito ácidas, os adubos de reacção ácida, (entre êles o sulfato de amónio que, diga-se de passagem, é um adubo excelente) não devem aplicar-se ao trigo sem uma prévia calagem — 500 a 1.000 quilos de cal apagada. Estou convencido, vai isto à guisa de parêntesis, que a razão de os trigos das outras regiões do País não igualarem, no Minho, a produção dos trigos regionais, reside no facto de êstes estarem adaptados à excessiva acidez das terras minhotas, e aquêles não.

Fiquemos hoje por aqui, lavradores amigos da minha terra, pois para vos esclarecer, sendo preciso, sobre êste delicado e complexo assunto, da escolha dos adubos, estou ao vosso dispor no Posto Agrário de Braga — que foi criado unicamente para vos servir.

A Prima Cândida

Naquela noite de sábado para domingo, a costumada cavaqueira à mesa do café deitou até bastante mais tarde.

Quando cheguei a casa e meti a chave na porta, muito disposto a entrar, senti como que uma tentação súbita de ir comer alguma coisa, e, de tal maneira fui assaltado por ela, que, embora não sendo dado a extravagâncias, não soube resistir ao desejo de que tinha sido acometido.

Diabo! uma vez não são vezes, monologava eu, por isso, porque não satisfazer o apetite de que o meu estômago se sentiu possuído? E meti em direcção a um restaurante noturno, única parte onde, àquelas horas da noite, se podia comer um bife com batatas fritas.

Entrei; ninguém na sala. Como mostrasse a minha admiração ao criado que prontamente correu a atender-me, foi-me respondido que tinham chegado uns fregueses de fora, mas, para estarem mais à vontade, e também por causa do frio, tinham ido para a cozinha. Se eu quizesse, acrescentou, também se arranjava lá uma mesinha para mim, mesmo a um canto, e sempre estava mais agasalhado. Concordei, e mandei que me fosse arranjado aquilo que pretendia comer.

Sentado no lugar que me tinha sido indicado, e enquanto esperava, puz-me a olhar para os tais fregueses que tinham querido ficar fóra do alcance de vistas indiscretas. Homens de idades diferentes, mas formando um todo perfeito — esplêndida camaradagem para uma noite divertida — riam e conversavam animadamente com as duas raparigas que os acompanhavam.

Havia nêles uma certa distinção de maneiras, o que me levou a supôr que se tratava de pessoas de certa posição social que tinham saído da terra para poderem passar umas horas divertidas, sem que houvesse perigo para a respeitabilidade, ou mesmo exemplar conduta. A mesa em torno da qual estavam sentados mostrava bem que a ceia continuava, e sempre alegremente, pois eu percebia de uma maneira clara as conversas e as piadas saídas a propósito.

Uma das raparigas foi perguntada sobre a sua vida, e ela, coitada, lá desfiou o rosário conforme melhor entendeu, parando, de vez em quando, como que para notar o efeito produzido.

— Esses teus olhos são falsos — dizia o seu interlocutor, e, apontando para um dos amigos que, de monóculo engatilhado, sorria ao ver que se pretendia fazer um inquérito psicológico, continuou: — não te fies nele, tem a mania de fazer versos e escreve para os jornais.

Mas o criado pôs o bife em cima da minha mesa, para a outra levou uma travessa com alheiras, por isso, dentro em pouco, a conversa tinha sido substituída vantajosamente pelos ruídos inerentes ao acto que se estava a realizar.

Uma coisa, porém, me tinha ferido os ouvidos: é que todos chamavam prima Cândida a uma das raparigas. E, foi tal a impressão causada, que, mesmo depois de satisfeito o meu apetite, me dispuz a permanecer ali ainda por mais tempo, não só porque me sentia bem, perto de tam invejável boa disposição, como, também, para ver se descobria a razão de tal parentesco.

Mas os ponteiros do relógio andavam sempre, e eu só dei por isso quando os sinos começaram a tocar para a missa das almas. Era tarde de mais, e, para que não resultasse escândalo, resolvi meter-me em casa antes que as beatas comessem a correr para as mis-

A LUTUOSA DE PORTUGAL

(Associação de Socorros Mútuos)

FUNDADA EM 1 DE JULHO DE 1927

Assegura o Futuro de
Vossas Famílias

Admite associados de ambos
os sexos desde os 16
aos 45 anos

Concede subsídios únicos de
5, 10, 15, 20, 25, ou 30 contos
pagáveis aos herdeiros ou
beneficiários dos associados

População associativa em 30-XI-1938
14.020 Sócios

Fundos capitalizados em 30-XI-1938
17.738 Contos

Subsídios pagos até 30-XI-1938
29.024 Contos

Cotisação mensal acessível a
tôdas as bôlsas e em relação
à idade e ao subsídio em
que se inscrevam



Sede e Propriedade

Avenida das Nações
Aliadas, 168

PORTO

Telefone 5135 — P B X



Sócio-correspondente
em Guimarães

ANTÓNIO SILVA

Rua de Santo António, 87

MARIO COSTA & C.ª, LIMITADA

TELEFONE P. B. X. 2571 Telegramas — NATICOLOR

Agentes Gerais para Portugal e Colónias de

Muraline — a conhecida tinta a
água, para pintura de paredes.

Hard Gloss e *La Belle* — es-
maltes de grande resistência
e brilho.

*Esmalte Sintético "Four
Hour"* (quatro horas)
— próprio para radiadores,
tinas, etc.

Tinta Anti-Corrosiva Carson
— tinta de grande resistência
para todas as obras de enge-
nharia.

Cimentex — a tinta indicada
para a pintura de cimento,
em interiores e exteriores.

*Trinchas, pinceis, rolos para
decorações de paredes, etc.*

Agentes nos principais centros
comerciais.

Compagnie National de Matières
Colorantes et Manufacture
de Produits Chimiques du Nord
Réunies (Etablissements Kuhl-
mann).

Compagnie Française de Pro-
duits Chimiques et Matières
Colorantes de Saint-Clair-du-
Rhône.

Société des Produits Chimiques
et Matières Colorantes de Mu-
lhouse.

Durant & Huguenin (S. A.), de
Huningue.

Fabricantes de corantes para
tôdas as fibras, directos, sulfu-
rosos, básicos, ácidos, cromo,
maia-lá, Naphtazol, etc., etc.

Corantes de cuva, de grande
solidez às intempéries,

SOLANTHRENES

Agentes nos principais centros
industriais.

Rua do Almada N.º 30, 1.º E 2.º,

P O R T O

Companhia Geral de Combustíveis

S. A. R. L.

SÉDE EM LISBOA:

Avenida 24 de Julho, 1-2.º
Telefones 2 2361, 2 2362 e 2 2363
Endereço teleg.: COALS

FILIAL NO PORTO:

Rua Mousinho da Silveira, 6-2.º
Telefones 2689 e 2693 P. B. X.
Endereço teleg.: COALS

Representante directa das Firmas:

Powell Duffryn Associated Collieries, Ltd.
Gueret, Llewellyn & Merrett, Ltd.
e Companhias Associadas

Controlando uma exportação anual de 10.000.000 de toneladas de carvão.

Carvões das melhores minas de Cardiff e Newcastle
apropriados para as diversas aplicações industriais e domésticas.

Não comprem sem se inteirarem das vantagens que oferecemos aos nossos Clientes.

Armando Pinto & Irmão



RUA DE SANTA CATARINA, 17-1.º — PORTO

End. Teleg.: API-Porto — Telefone, 5884

FÁBRICA DE ACESSÓRIOS PARA FIAÇÃO E TECELAGEM

na sua especialidade a fábrica de maior e mais perfeita produção do País

Pentes, Liços (malhas metálicas), Caixilhos (Percha Jas),
Grampos, Molas espirais e planas, etc. — Latas e caixas
de fibra Vulcanizada para fiação. — Carretas, Bobines,
Canelas, Lançadeiras, etc. em madeira, cartão comprimido
e fibra

REPRESENTAÇÕES

Máquinas para Fiação e Tecelagem, Batedores, Cardas,
Penteadeiras, Contínuos, Teares, Encarretadeiras, Cane-
leiras, etc. — Máquinas de Preparação e Acabamentos.
MOTORES Diesel a oleos pesados, Electricos, etc. —

MÁQUINAS USADAS

Empresa Industrial

Sampedro, L.ª

Lordelo — Guimarães



Fábrica de Tecidos de Linho e de Algodão

Grande Prémio de Honra na Exposição Industrial Portuguesa de 1932
Diploma de Honra na Exposição Colonial Portuguesa de 1934

Especializada no fabrico de linhos finos

Escritório no Pôrto:

R. dos Clérigos, n.º 44-1.º

TELEFONE 2441

OLEOS GERM

O. G.

Lubrificante inglês de primeira qualidade
com a categoria de óleo de aviação.
Fornecido em várias grada-
ções para todos os ti-
pos de motor
de automóvel,
para instalações de
fôrça motriz e maquinismos
em geral.

AGENTES:

J. P. da Conceição, L.ª

Rua Mousinho da Silveira, 91--PORTO

Fibra Comercial Lusitana, L.^{da}

RAYON SNIÁFIOCCO

Torções — Fantasias — Voile — Crepe Encolados — Urdissagem e Tinturaria

— Vendas exclusivas dos Produtos "SNIÁ-VISCOSA" —

PORTO: AVENIDA BOAVISTA, 1904

Teleg.: Italfibra-PORTO TELEFONE 4311

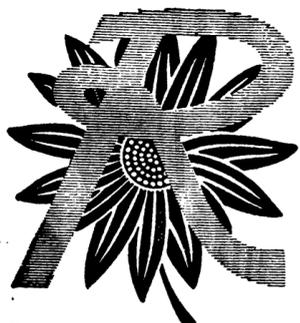
LISBOA: R. FRANCISCO FOREIRO, 3-3.º-D.

TELEFONE 48477

TEXTIL ARTIFICIAL

DO

PORTO, LIMITADA



**TECIDOS DE
REBORDOES**

**Impõem-se
pela
perfeição
do
fabrico
e
solidez
das
suas côres**

Carvão Inglês para
Indústria, Cozinhas, etc.

Antracites especiais para aquecimentos. Importação Directa.

Kendall & C.^a, L.^{da}

Rua Infante D. Henrique N.º 39-1.º

PORTO

(Entregas ao Domicílio)

Telefones **8** — Porto
331 — Matozinhos
4 — Figueira da Poz.

Telegramas — Klenden — Porto.

Agente em Guimarães: **Gomes Alves**

P. D. Afonso Henriques, 63.

URAL

UNIÃO DE REPRESENTAÇÕES E AGENCIAS, L.^{da}

Lubrificantes "NATIOLINE"

Armazéns:

R. Guedes de Azevedo, 171/173

Telef. 5528

|||

Avenida Meneses — Matosinhos

Telef. 408

Produto de 1.ª qualidade para todos os tipos de automóveis e para todos os maquinismos em geral.

Agentes para o Norte da
SOCIEDADE NACIONAL DE SABÕES

Óleos de mendobi para consumo e para a Indústria de conservas.

Importação e Exportação.

Escritório Central:

R. Mousinho da Silveira, 32-2.º

PORTO

|||

Telef. 4905

Teleg. "URAL"

Litografia Ideal, L.^{da}



Travessa de Cedofeita 22



PORTO

TELEFONE, 5077

Execução esmerada e cuidadosa em todos os trabalhos do seu género: Rótulos, Cartazes, Cromos, Réclamos, Impressos de escritório, Alto Relêvo e Foto Lito. A's Fábricas de Tecidos recomendamos, no seu interesse e conveniência, nos consultem nos seus trabalhos de litografia a executar.

o o o
ECONOMIA E PERFEIÇÃO.
PREÇOS DE CONCORRÊNCIA.
PEÇAM ORÇAMENTOS.

Fábrica de Branqueação e Acabamentos, L.^{da}

PORTO

Fabrica os melhores e mais finos tecidos brancos e de côres lisas. Os já afamados

"Tecidos Breiner"

com as suas inconfundíveis opalinhas encontram-se à venda nos armazéns do sr.

Alberto Pimenta Machado

FÁBRICA DE GANDRA
DE

Francisco Manoel Durães & Filhos, L.^{da}

FÁBRICA A VAPOR DE TECELAGEM
— TINTURARIA E SERRAÇÃO —

Rua Conselheiro Lopes da Silva VALENÇA DO MINHO

TELEFONE, 19

JOSÉ DE MELO & C.^a

Despachos de Exportação --
-- Importação e cabotagem

R. Nova da Alfândega, 67
— PORTO —

CASA FUNDADA EM 1828

Telefone: { Escritório, 73
e Estado, 57

AGENTES DE NAVEGAÇÃO

Despachantes, Agentes Marítimos e Internacionais
Agentes e Comissários de Fabricantes - - - - -
- - - - - e Negociantes Estrangeiros e Nacionais

Empreza Fabril do Norte, L.^{da}

Séde: Senhora da Hora Telegramas: Norte

Telefone: 12 - S. H.

Fábrica de Fiação fina — Tecelagem de artigos finos
Mercerização — Acabamentos — Linhas para costura

Uma fábrica portuguesa de carrinhos de linha de algodão das seguintes marcas:

— Relógio, Pôrto, Afonso Henriques, Alfaiate.

De linha de algodão em tubos, marcas:

— Bouquet, Sedalina, Alinhavar.

De linha de algodão em novelos, marcas:

— Perlé e Passajar.

De carreteis de linha de algodão da popular marca «COSTUREIRA».

Fabrico especializado dos seguintes artigos:

— Popelines, Palmiras, Zefires e Bretanhas finas.

As afamadas bretanhas, marca «ANGOLA», são fabricadas com algodão das nossas colónias d'África.

ALGODÃO PARA BORDAR:

Os nossos artigos competem com vantagem com as melhores marcas estrangeiras.

FUNDIÇÃO DE FERRO E METAIS

F. BRINDLE & C.^a, L.^{da}

Rua do Pinheiro Manso, 388 — PORTO — Telefone, 1560

Delegados das casas G. W. THORNTON & SON, de MANCHESTER; TWEEDALES & SMALLEY, L.^{da} (1920) de CASTLETON, fabricantes de Máquinas de Fiação.

Estas máquinas são montadas por PESSOAL HABILITADO que temos na nossa casa, nesta cidade.

EXECUTAM-SE transmissões modernas, Uniões de Fricção, Engrenagens abertas à plataforma (máquina de frezar), Elevadores, Tubagens para máquinas a vapor, Tubos ailetts para aquecimentos de fábricas e Serviço de caldeiraria. Secção especial de fabricação de Teares, Encarretadeiras, Caneleiras e tôdas as máquinas para tecelagem.

Encarrega-se de quaisquer projectos e plantas gratuitos.

O MELHOR CAFÉ É O D'A BRASILEIRA



Teles & C.^a, L.^{da}

75, Rua de Sá da Bandeira, 91

PORTO

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO

Praça D. Afonso Henriques

Guimarães

Fábricas e Armazém de Tecidos de Algodão e Fábrica de Móveis e Serração

DE

Alberto Pimenta Machado

Rua de Paio Galvão
Rua de Gil Vicente

Telefones { Armazém 59
Escritório 110
Residência Particular 87

FILIAL

Vendas a Retalho — Colossal Sortido em Casimiras e inúmeros artigos para Homem e Senhera

Rua de Santo António — Telefone 180

GUIMARÃIS

O seu proprietário cumprimenta todos os seus ex.^{mos} clientes, desejando-lhes Boas Festas e um próspero ANO NOVO.

DEFENDA-SE DO FRIO!...

Onde ele ataca mais e se torna mais desagradável é na cama...
Combatê-lo antes de ele fazer das suas é o que se impõe sem delongas...

Combata-o usando um luxuoso e confortável **Edredon** da acreditada marca.

"Kapell"

Um **Edredon** substitue com vantagem 2 ou 3 cobertores.
EM STOCK MAIS DE 200 EDREDONS.

ARMAZÉNS DA CAPELA
SUCURSAL D'A POMPADOUR

70, R. das Carmelitas, 76 - PORTO - Telefone n.º 1885

Máquinas e Acessórios

PARA:

FIACÇÃO
TECELAGEM
TINTURARIA
ESTAMPARIA
ACABAMENTOS, ETC.

Transmissões Industriais por corrente **RENOLD**

Novo sistema de aquecimento por aparelhos **"THERMOLIER"**

HARKER, SUMNER & C.^a

223, RUA JOSÉ FALCÃO
= PORTO =

14, L. CORPO SANTO, 18
= LISBOA =

VINHOS FINOS E DE MESA



SOCIEDADE DE VINHOS SCALABIS, L.^{DA}

AVEIRO

TELEFONE, 179

Fábrica de Tecidos do Rio
Fábrica de Malhas

e
Armazém de Fazendas Brancas

DE

ANTÓNIO PIMENTA

48, Rua de Santo António, 66

TELEFONE, 220

GUIMARÃIS

Carreira entre Guimarães e Pôrto

Escritório em Guimarães:

Rua de Santo António

Dias úteis - PARTIDAS: 8,05 h., 12,35 e 18,20

Aos Domingos - PARTIDAS: 8,05 e 18,20

TELEFONE: 181

Escritório no Pôrto:

RUA DO ALMADA

(GARAGEM C. DO PORTO)

Dias úteis - PARTIDAS: 8 h., 12,30 e 17

Aos Domingos - PARTIDAS: 8 e 17 h.

JOÃO FERREIRA DAS NEVES

FOSFOREIRA PORTUGUESA

Fósforos PORTUGUESES
FAMILIA
ANTONINOS
VENCEDORES
ILHEUS
AÇORIANOS para o Continente

MARROCOS
COLONIAIS
ALGERIENS para exportação

Fósforos SAGRES, de papel, a mais perfeita qualidade e apresentação.

Séde: Rua Garrett, 62

Lisboa

Fábrica:

Espinho

A IDEAL, LIMITADA

FÁBRICAS DE FIAÇÃO
E TECIDOS DE MALHA

SÉDE:--RUA JOÃO MACHADO

COIMBRA

TELEFONE, 807

COMPANHIA

DE

SEGUROS



O TRABALHO

SÉDE
RUA JOSÉ FALCÃO, 211

PÓRTO

Telef. 4547--P. B. X.

Teleg. ABELMA

②②②

Capital e Reservas excedem 3 milhões de escudos

SEGUROS DE:

Fôgo, Acidentes de Trabalho e Pessoais,
Marítimos, Automóveis, Quebra de Vidros

②②②

AGENTE:

ALBERTO PIMENTA MACHADO

RUA DE PAIO GALVÃO

GUIMARÃIS

● J. R. GEIGY S. A., BÂLE Suisse ●

ANILINAS para tôdas as Industrias

Representante-Depositário

Carlos Cardoso

Rua do Bomjardim, 551--PORTO

TELEFONES: 4955 e 4956

Agente em Guimarãis:

J. MENDES RIBEIRO JUNIOR

R. de Santo António, 88. A

